Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM Pires

Nº56 26 de Fevereiro de 2000 **Quinzenal** **Director:** Bruno Ferreira
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

Visão Cultural

A Universidade de Coimbra comemora no próximo dia 1 de Março 710 anos de história, celebrando esta data com um caleidoscópio das potencialidades culturais da Academia. A Semana da Mostra Cultural, que já vai na sua segunda edição, é o resultado de uma dinâmica e cooperação entre os mais diversos órgãos da vasta comunidade universitária, concretiza–se com a apresentação de um vasto leque de actividades e acontecimentos.

Universidade

Financiamento

Numa altura em que a discussão do Orçamento de Estado ainda está na ordem do dia, importa saber qual o dinheiro que é afectado às universidades públicas e nomeadamente à Universidade de Coimbra. A CABRA procurou saber se existe, de facto, subfinanciamento e quais as suas consequências imediatas na UC.

Páginas 6 e 7

Cidade

O outro lado da noite

Numa ronda pela noite de Coimbra, a CABRA descobriu um universo diferente dos vulgares bares académicos. Conhecidas como "Casas de Meninas", esta é uma outra perspectiva da cidade universitária, que acaba por ser uma realidade também para muitas estudantes de Coimbra.

Página 14

Memória

Coimbra era assim ...

O Jornal Universitário de Coimbra apresenta nesta edição algumas amostras de uma exposição patrocinada pelo Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC). Estes trabalhos fotográficos da autoria de João Azevedo e António Quinteira, mostram uma visão de uma Coimbra de outros tempos...

Páginas centrais

Coimbra chamada a cultivar–se

(Ante)Visão Cultural

A Universidade de Coimbra vai soprar 710 velas no dia 1 de Março e celebra esta data com um caleidoscópio das potencialidades culturais da Academia. A Semana da Mostra Cultural, que já vai na segunda edição, é o fruto de uma vontade dinamizadora de convívio entre os diversos órgãos da comunidade universitária.

Esta "festa de aniversário" cultural concretiza–se com a apresentação de um vasto leque de actividades e acontecimentos para agradar a gregos e troianos (sem esquecer, acima de tudo, os conimbricenses).

A abertura das folias artísticas e culturais da Mostra dá–se com uma presença habitual na televisão portuguesa. Carlos Pinto Coelho protagonizará uma sessão de reflexão e debate cultural, intitulada Hoje Acontece em Coimbra que terá lugar este Sábado, no Teatro Académico Gil Vicente (TAGV) pelas 21h30.

Culturalmente falando

Num elevado nível de embriaguês cultural, durante uma semana discutem–se e debatem–se ques-

tões preeminentes. Assim se confronta o actual estado da Universidade e da cidade, bem como da cultura académica coimbrã. Tentando um esquema de confrontação mais directa, sob a forma de debates, colóquios e mesas redondas, em Coimbra mostra–se e fala–se de cultura.

Considerando a reorganização dos espaços da Universidade de forma global, com a definição de dois novos pólos, encara–se o estudo conjunto da reabilitação da Alta Universitária bem como outras questões que interessa a todos discutir.

Outras "batalhas" são também consideradas neste sentido, destacando toda uma cultura e história académica que programa a sua caminhada para o século XXI, repleto de interrogações e de incertezas.

Todas as vertentes culturais têm um lugar de discussão privilegiado no programa da Mostra. Desde a ciência até à literatura, passando pelo jornalismo e pela sociedade, todos os temas são postos a público, sem nunca esquecer a alma e a mística desta cidade, misto de encontros e desencontros para todos os que cá ficam e que por cá passam.

Teatro Mirandês

A peça de teatro "A Vida Alegre do Brioso João Soldado" constitui um "ex–libris" de representação do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC). Provindo da Póvoa (Miranda do Douro), esta peça tem as suas raizes temporais no século XIX e será posta em cena nos dias 28 e 29 de Fevereiro, às 21h30, no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras. Possui um cunho marcadamente popular em que se fundem o imaginário e o real. O espectador é chamado a imaginar endereços e o contexto paisagístico, participando assim activamente na própria acção teatral.

Como organismo autónomo da Associação Académica de Coimbra (AAC), esta colectividade artística propõe divulgar a cultura portuguesa popular e folclórica. Desde que foi fundada em 1966,

reune um acervo teórico de cerca de 40 peças de Teatro Mirandês. Os cerca de 600 espectáculos até agora encenados conciliam a música, a dança e a representação e abordam, geralmente, temas universais com um toque de moral popular.

Carimbada cultural

A Secção Filatélica da AAC, vai organizar uma Mostra Filatélica comemorativa do Dia da Universidade. Esta Mostra vai conter várias colecções de selos e carimbos comemorativos, sobre o tema de encontro de culturas, como por exemplo Portugal/Brasil. Vai também ter colecções da referida secção, nomeadamente da revista "Cábula Filatélica".

Nesses dias, vai existir um posto de correio especial, onde o depositante de correspondência

receberá um carimbo especial que representa a comemoração do Dia da Universidade / Ano 2000. Terá lugar na sala de reuniões da AAC, de 1 a 4 de Março, das 10.00 às 17.00, com entrada livre.

A Secção Filatélica foi fundada em 23 de Fevereiro de 1965, sendo uma das primeiras secções culturais a surgir na AAC, continuando a ser a única secção filatélica a pertencer a uma associação de estudantes em toda a Europa.

Entre as actividades regulares da Secção está a publicação da revista, a realização de mostras filatélicas e todo o apoio prestado aos sócios nas salas de que dispõem no 2º piso do edifício da AAC.

Integrado ainda na secção, está o Clube de Coleccionadores de Carimbos Comemorativos (CCCC), constituído em 1977 que é o maior clube do seu género em Portugal.

Helder Dantas
Manuel Eduardo
Márcia Oliveira

Pró–Reitoria satisfeita com as "inúmeras iniciativas" culturais

Velocidade de cruzeiro

A pró–reitora para a cultura, Maria de Fátima Sousa e Silva, destaca a participação dinâmica a entusiástica da Academia e refuta que Coimbra tenha uma actividade cultural reduzida. Em entrevista a A CABRA, a pró–reitora revela a evolução natural da Semana da Mostra Cultural, que apresenta um programa diversificado nesta edição.

A realização da primeira Mostra Cultural no ano passado correspondeu às expectativas iniciais a nível da adesão pública e universitária?

No ano passado, para uma iniciativa que se realizou pela primeira vez, achei que a Mostra Cultural congregou bastantes interessados. Sendo que, para além da publicidade que a própria Reitoria promove, têm–se realizado muitas iniciativas com a sua própria promoção. Isso também é muito importante, porque cada área tem o seu círculo próprio.

Quanto a esta segunda Mostra, houve uma adesão em termos organizativos bastante grande.

Digamos que até mais do que no ano passado e as respostas começaram também a chegar mais cedo. Naturalmente, é precoce podermos admitir o que é que vai acontecer em termos de público, mas nós estamos a fazer o máximo de esforço para conseguir chamar a atenção. Antes de mais, da população universitária, mas também da cidade e de uma outra população que é uma potencial interessada que são as escolas secundárias.

Este ano apostaram numa maior abertura nesse sentido?

Eu penso que sim. De resto, nós até fizemos, em relação às escolas secundárias, uma actividade que podemos considerar uma espécie de preâmbulo desta Semana e que consiste no seguinte: nesta Quinta e Sexta–feira promovemos dois dias de visita à universidade para as secundárias. Para além de uma visita habitual, ouvem um concerto de órgão na Capela da Universidade e assistem a uma peça de teatro no Teatro Académico Gil Vicente. Assim podemos promover um maior diálogo com bastantas escolas.

Em relação à Mostra quais as principais diferenças entre a do ano passado e a deste ano?

Sabe que a contextura dos programas surge muito ligada às propostas que nos fazem. Este ano há uma maior tendência para os debates e para as secções informativas. Há também dois ou três mini–colóquios, ou seja, um ou dois dias, dedicados à discussão de um determinado tema sendo, neste aspecto, diferente do ano passado, e isso é bastante positivo. Os grupos de teatro e os grupos musicais aderiram de uma forma muito activa, como já tinha acontecido no ano passado. É certo que quem participa pela segunda vez já se direccionou para as perspectivas que eram esperadas, tanto por nós, como por eles próprios, originando assim,uma experiência que tem tudo de benéfico.

A Pró-reitora está confiante no sucesso desta mostra

Quais são os grupos que vão participar agora, pela segunda vez?

Temos na Faculdade de Letras diversos departamentos e institutos que já no ano passado participaram e que este ano o vão fazer pela segunda vez. Talvez a Faculdade de Letras sinta de uma forma mais clara um desafio para uma actividade cultural que lhe diz directamente respeito, e portanto adere com muita facilidade. Por outro lado,

temos a participação de diversas áreas que por razões várias não participaram mas que este ano se mostraram muito atentas.

Por exemplo a participação do CES (Centro de Estudos Sociais), que fez um estudo sobre a vida do estudante universitário em Coimbra e que agora está em condições de apresentar alguns resultados. Vai fazer três secções de debate público que são três leituras diferentes do que já foi feito anteriormente. Portanto isso é bastante interessante.

Passa também por mostrar à Universidade o que se faz cá dentro para chamar as pessoas a esse género de actividades...

Exacto. E contamos, é óbvio, com uma divulgação que é feita extra Universidade e que vai directamente à cidade, onde temos encontrado um círculo de atenção que já se tem manifestado noutras ocasiões. No entanto penso também que outras universidades que nos são aqui vizinhas começam também a ter a percepção de que estamos a movimentar alguma coisa e até a darem–nos sinais vagos da possibilidade de virmos a intercambiar com elas.

Acesso livre

Nesse sentido vai já haver um encontro de Tunas de várias univerdades na Mostra Cultural.

Sim, sim. Essa foi uma proposta das Mondeguinas que, aliás, até fizeram questão de salientar que o encontro é de grupos não académicos, que têm um perfil diferente e que poderão estabelecer um confronto interessante.

Segundo um relatório publicado no Diário de Notícias, Coimbra foi considerada a cidade com melhor nível de vida, sendo que uma das premissas para esse estudo é o nível cultural. Apesar disso há muitas opiniões que consideram a cultura em Coimbra quase "moribunda". Daí essa abertura constante à cidade se revelar cada vez mais importante...

Pessoalmente, tenho a ideia de que a oferta cultural de Coimbra não é tão reduzida quanto isso

e nem sequer está abaixo daquilo que possa existir noutras cidades. Aliás, se estivermos atentos há inúmeras iniciativas e coisas interessantes. Há de facto, e aí quem deve ser responsabilizado é quem organiza e dinamiza as actividades culturais, alguma desatenção por parte do público...

Para além disso, a cultura hoje em dia não prima propriamente pela acessibilidade, principalmente tendo em conta que nos movimentamos no seio de uma comunidade universitária...

Esse factor pode de alguma forma ter a sua influência. No entanto não está provado que quando se fazem actividades de entrada livre estas tenham mais afluência do que aquelas que são pagas. Creio que, neste aspecto, o factor preço é qualquer coisa de relativo. Mas aproveito também para dizer que um dos princípios da Semana Cultural é que todas as actividades incluídas sejam de acesso livre.

Esperemos que isso possa constituir um incentivo poderoso para as pessoas afluirem.

E, para o futuro, vamos ter mais e melhor mostra cultural?

Eu espero que sim. Aliás, as pessoas deram–nos um sinal pela adesão que se verificou este ano no nível de participações e propostas que nos apresentaram. Dá–nos a ideia realmente de que

a Pró- Reitoria encontrou um bom acolhimento por parte da Academia

e, sendo assim, penso que vale sempre a pena continuar.

Penso também que os alicerces já estão lançados e o facto de termos conseguido uma Segunda Semana de Mostra Cultural mais abrangente que a primeira é já um indicativo de que temos as melhores condições para continuar.

Helder Dantas
Manuel Eduardo
Márcia Oliveira

Roteiro

26 de Fevereiro

[TAGV] 21.30
• Hoje Acontece em Coimbra

27 de Fevereiro

[Auditório da Reitoria] 15.00
• Garrett

29 de Fevereiro

[Auditório da Reitoria] 9.00-18.30
• A Alta de Volta: construir Univer(sc)idade

[Institutos de Estudos Jornalísticos. FLUC] 10.00
• Jornalismo, televisão e serviço público (III Seminário Europeu)

[Restaurante Universitário, Pólo II] 13.30
• Demostração de Karate

[Livraria Minerva, Rua de Matemático Borro Norton de Matos] 17.00
• Lançamento do livro Plutarco. Avisa de Sólon

[Sala Polivalente da Casa Municipal da Cultura] 17.00

2 de Março

[Auditório da Reitoria] 9.30- 18.00
• Colóquio sobre a ciência: débito ao passado e perspectivas de futuro

[Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação] 9.30- 12.30; 14.00- 17.30
• Dia aberto da FPCE

[Sala Beau, FLUC] 10.00
• Visionamento de versões fílmicas de obras de Goethe

[Restaurante Universitário do Pólo II] 13.30
• Concurso de Gastronomia

[Restaurante Universitário do Pólo II] 13.30
• Demonstração de Karate

[Anfiteatro V, FLUC] 15.00
• Culture Wars

[Anfiteatro V, FLUC] 16.00
• Goethe e o Romantismo musical

[Auditório da Faculdade de Economia] 21.00

Exposições

[Sala de Exames e Privados da Biblioteca da UC]
• Exposição Documental

[Fac. de Psicologia e Ciências da Educação]
• Exposição Bibliográfica, Documental e Fotográfica

[Sala dos Professores. FLUC]
• André Malraux: "Une vie dans le siècle"

28 de Fevereiro

[Institutos de Estudos Jornalísticos. FLUC] 10.00
• Jornalismo, televisão e serviço público (III Seminário Europeu)

[Anfiteatro IV, FLUC] 11.00•13.00
• Os Outros e a História

[Restaurante Universitário, Pólo II] 13.00-14.00
• Apresentação do Grupo de Rags da TAUC

• Conversa sobre o Teatro Popular em Portugal

[Teatro Paulo Quintela, FLUC] 21.00
• "A Vida Alegre do Brioso João Soldado"

[Igreja do Museu Machado Castro] 21.30
• Concerto pelo Ensemble de Plectro Carlos Seixas

[Auditório da Reitoria] 21.30
• As Batalhas da Praxe: que cultura académica para o séc. XXI?

[TAGV] 21.45
• Assim vai o mundo

[Observatório Astronómico de Coimbra] 23.00
• Viagem pelas Estrelas

• Os Estudantes da Universidade de Coimbra

[Centro Cultural D. Dinis] 18.30
• Apresentação do livro "O Ensino Médico em Coimbra"- 1131-2000

[Pavilhão 1 do Estádio Universitário] 18.30- 19.30
• Contacto com a Esgrima

[Pavilhão 1 do Estádio Universitário] 19.30- 20.00
• Mini- competição de Esgrima

[Mini- auditório da AAC] 20.00
• Contracultura cristã

[Auditório da Reitoria] 21.30
• (A)normalidade da homossexualidade

[TAGV 21.30]
• Intercâmbios: Imagens e Palavras

[Café Santa Cruz] 21.30
• Sessão de Fado

[Escadaria da Sé Velha] 23.00
• Sessão de Fado

[Sala Providência e Costa]
• Exposição Bibliográfica goethiana

[Museu Académico]
• Medalhística de Temática Académica

[Jardim Botânico]
• Exposição permanente do Museu Botânico

[Museu de Física]

[Anfiteatro II, FLUC] 15.00
• André Malraux no espelho do Homem

[Instituto Justiça e Paz] 15.00
• Apresentação do livro "O discurso extracénico. Quadros de guerra em Eurípedes"

[Auditório da Reitoria] 17.00
• A Universidade e a Cidade : o alojamento dos estudantes em Coimbra

[Teatro Paulo Quintela, FLUC] 18.00
• O tempo e o novo milénio

[Pavilhão 1 do Estádio Universitário] 18.30-20.00
• Contacto com a Esgrima

[Mini-Auditório Salgado Zenha, AAC, 1º Piso] 21.30
• A Vida Académica nos últimos 30 anos

[Teatro Paulo Quintela, FLUC] 21.30
• "A Vida Alegre do Brioso João Soldado"

[Café Santa Cruz] 21.30
• Sessão de Fado

1 de Março

[3º Piso, AAC] 9.00- 20.00
• Dia aberto da RUC

[Capela de S. Miguel] 11.00
• Missa solene

[Pátio da Universidade] 12.00
• Fotografia dos Doutores

[Restaurante Universitário do Pólo II] 13.00
• Almoço com convidados

[Auditório da Reitoria] 15.00
• Sessão solene de entrega de distinções e prémios

3 de Março

[Estádio Universitário] 3-4 de Março
• Ténis e Cultura

[Auditório da Faculdade de Economia] 10.00
• Plantas Medicinais e Saúde Pública

[Sala Beau, FLUC] 10.00
• Visionamento de versões fílmicas da obra de Goethe

[Anfiteatro IV, FLUC] 11.00-13.00
• Eça de Queiroz e Geração de 70

[Sala Beau, FLUC] 14.30
• Visionamento de versões fílmicas da obra de Goethe

• Exposição permanente do Museu de Física

[Museu Mineralógico e Geológico]
• Exposições permanente e temporária do Museu Mineralógico e Geológico

[Sala da Reuniões da AAC]
• Mostra Filatélica do Dia da Universidade

[Auditório da Reitoria]

[Auditório da Faculdade de Economia] 15.00
• Saúde e Economia

[Sala de Seminários do Instituto de Estudos Ingleses, FLUC] 15.00
• God, the Universe, Art and Communism

[Igreja do Museu Machado Castro] 21.30
• Recital de Piano

[Claustros, Faculdade de Farmácia] 22.00
• Coimbra, desvio e dispersão

[Centro Cultural D. Dinis] 22.00
• Tunas sem Traje

4 de Março

[Baixa da Cidade] 11.00
• Actuação da Orquestra Típica

[Baixa da Cidade] 17.00
• Grupo Folclórico de Coimbra

[TAGV] 21.30
• Actuação do Grupo Folclórico da UC-
Casa do Pessoal

[Cantina Amarela] 22.30
• Ceia Convívio

• 10º Aniversário do jornal "A Cabra"

[Centro Cultural D. Dinis]
• Exposição de Fotografia

[Café teatro. TAGV]
• Picture House

[Centro Cultural D. Dinis]
• Apontamentos de Pintura

Secção de Ténis em remodelação

Ténis na AAC

No âmbito desportivo, a Associação Académica de Coimbra com as suas 24 secções de desporto, deverá ser o maior e o mais ecléctico clube nacional de desporto amador. Este facto torna a AAC no maior e melhor centro de formação desportiva da cidade de Coimbra e da região, proporcionando assim a prática desportiva de milhares de cidadãos.

A Secção de Ténis disponibiliza uma actividade que colectivamente e individualmente, tem vindo a conquistar ao longo dos anos vários troféus no país e no estrangeiro.

A CABRA foi falar com Eduardo Cabrita que é o responsável máximo por esta secção, com o intuito de a conhecer melhor e também de divulgar um pouco do que lá se faz.

Eduardo Cabrita está inserido há 26 anos nesta secção, começando, no entanto, o seu percurso na ginástica como praticante e treinador, passando também pela patinagem onde acabou por sair devido a uma crise directiva. O ténis foi a sua meta, onde encontrou as condições necessárias para elaborar um projecto de futuro.

A secção existe há 36 anos, desde 1964, contando nos seus quadros com cerca de 250 praticantes, 60 dos quais inscritos na secção. Durante o longo tempo de existência desta secção, houve um período de paragem. Tal como outras secções, a secção de ténis da Associação Académica sofreu com a ausência de alguém para comandar os destinos do grupo, devendo–se ao facto de os dirigentes serem estudantes (e amigos entre si). O problema é que estes acabam o curso de praticante ao mesmo tempo e a maioria vai–se embora, originando uma crise de continuidade. A solução encontrada por Eduardo Cabrita foi a de encontrar pessoas que ficassem em Coimbra após o curso e que já tivessem conhecimento da dinâmica e funcionamento da secção.

Com esta política, surge em 1993 um projecto de relançamento da secção, um projecto ambicioso e auspicioso que acaba por falhar devido a algum excesso de optimismo por parte dos seus "autores" (opinião pessoal de Eduardo Cabrita), uma vez que "viviam o bonito da questão e esqueceram a sua complexidade". Foi neste período que surgiram as maiores dificuldades, contradições e desilusões, e ao mesmo tempo como consequências, os patrimónios desapareçam, faltava dinheiro para se pagar os compromissos e, à medida que as pressões aumentavam, a solução parecia cada vez mais distante.

Actualmente, a direcção deixou estes problemas e estabeleceu duas prioridades hoje plenamente concretizadas, sendo elas, segundo Eduardo Cabrita, a criação de uma infra–estrutura básica com courts de ténis e bancadas e a criação de uma sede, um espaço próprio, de onde nasceu a casa comunitária da secção de Ténis da AAC localizada no Alto de Santa Clara, funcionando como um ponto de encontro a que todos os tenistas podem recorrer nos bons e maus momentos. "A Universidade de Coimbra, com todos os seus defeitos e incapacidades, continua a ser um dos ministérios responsáveis pelo desenvolvimento cultural na cidade de Coimbra". Ainda na sua opinião, só na AAC é possível permitir um conjunto saudável das idades e sensibilidades, permitindo assim uma maior abertura do ténis a uma comunidade mais alargada, contribuindo assim para uma deselitização.

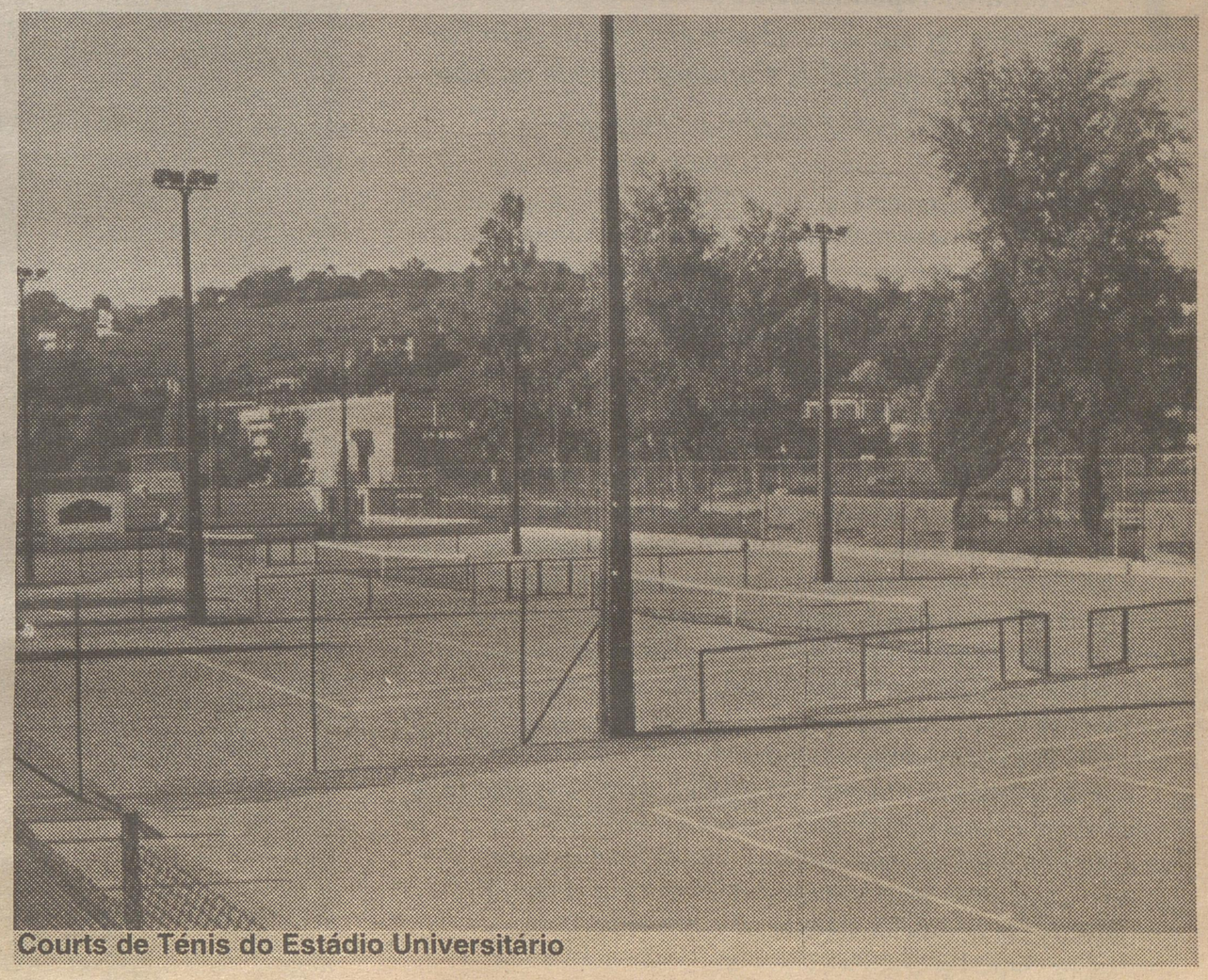
Nesta sua visão, dentro da secção distingue 3 tipos de praticantes distintos: os que querem competição a sério, os que procuram somente os seu bem estar físico, e os praticam apenas para descontrair.

Em pleno ano 2000, esta secção conta com a melhor equipa de sempre, constituída exclusivamente por universitários (da Faculdade de Medicina, Farmácia, Ciências do Desporto e Engenharias), começando já nesta temporada com uma vitória a contar para a 2ª divisão. A equipa tem vários tenistas de grande qualidade, onde se destacam Tiago Vinhos de Sousa (5º jogador no ranking nacional), Helder Carvalho, e Daniel Roberto. Estes tenistas e todos os outros da equipa fazem "sonhar" Eduardo Cabrita com a subida para a 1ª divisão, constituindo assim um passo importante para o desenvolvimento do ténis na região. Para este representante da secção, a confiança nesta temporada que agora começa é grande, sendo que todos depositam grandes esperanças na equipa actual e no futuro desta secção.

Todos os interessados na prática desta modalidade devem dirigir–se ao Estádio Universitário a qualquer dia da semana das 9 horas às 12h ou das 17h às 21h, onde deverão efectuar a sua inscrição.

Eduardo Cabrita terminava com um convite alargado para todos os quantos queiram ver e comparecer no Estádio Universitário, nos dias 3 e 4 de Março, para as 24 horas do ténis que constitui uma prova organizada pela secção de ténis e integradas nas comemorações dos 710 anos da Universidade de Coimbra.

Nuno Dias
Geraldo Barros



Courts de Ténis do Estádio Universitário

SOCIEDADES PORTUGUESAS: PASSADOS RECENTES - FUTUROS PRÓXIMOS

IV CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Universidade de Coimbra

Data limite para inscrição com comunicação: 31 de Janeiro de 2000

Contactos: IV Congresso Português de Sociologia	tel: 239790585
Faculdade de Economia - Univ. de Coimbra	fax: 239403511
Av. Dias da Silva, 165	email:aps2000@sonata.fe.uc.pt
3004-512 Coimbra	url: http://www.aps.pt

4º Encontro de Gestão e Tecnologias de Informação

Desafios Empresariais

Casos de Sucesso:
Tecnologias desenvolvidas em Portugal

Para além das questões técnicas...

Informação na sociedade actual

5 de Abril de 2000
Auditório da Reitoria
Universidade de Coimbra

http://www.dei.uc.pt/encontro

Desencontros nos números do financiamento da Universidade

(Des)investimento na UC?

Por altura da discussão do Orçamento de Estado levanta–se repetidamente a mesma questão: diminuem ou não as verbas transferidas pelo Estado para a Universidade de Coimbra? Existe ou não subfinanciamento? Este ano não é excepção...

Para o Vice–reitor da Universidade de Coimbra(UC), Seabra Santos, "os números do orçamento não permitem criar grandes expectativas em relação à forma como a UC vai funcionar nos próximos tempos". Depois das declarações proferidas pelo Reitor na tomada de posse dos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (A CABRA, Nº 55) indicando que haveria subfinanciamento por parte do Estado, A CABRA decidiu tentar esclarecer com que números se cosem as finanças da Universidade de Coimbra.

A metodologia de financiamento das universidades parece ser objectiva, uma vez que, segundo o artigo 6º da Lei 113/97, Lei Quadro do Financiamento do Ensino Superior (LQFES), este basear–se-á num orçamento padrão que tem em conta os custos por estudante. Para além deste orçamento padrão podem também existir contratos–programa que são instrumentos autónomos que possibilitam a certas universidades colmatar dificuldades específicas.

Porém segundo Seabra Santos existem problemas de aplicação da presente metodologia de financiamento que fazem com que o processo não seja tão claro e objectivo como seria de esperar, e como está regulado na legislação. Estas mesmas falhas na aplicação da lei fazem com que os números sejam interpretados de maneiras diferentes, apesar de serem sempre os mesmos.

Os vícios

Um dos primeiros vícios deste método será, no entender de Seabra Santos, o facto de existir um factor de convergência muito baixo. Aquando do início da aplicação deste método de financiamento, ficou acordado que haveria um período de convergência, ou seja, as universidades não começariam de imediato a receber o orçamento padrão por completo, só começando a receber a totalidade em 1999. Pórem, de acordo com o Vice–reitor, "esta convergência tem vindo a diminuir: de 54% em 1998, 32% em 1999 e finalmente 32% em 2000. Ou seja, a Universidade de Coimbra, ao invés de estar a receber a totalidade do orçamento padrão está apenas a receber 32%."

Ligado a este problema está um outro que surgiu este ano, que é o facto de as universidades estarem a convergir de maneiras diferentes."Enquanto a maior parte das universidades públicas estão a receber 37% do orçamento padrão, a Universidade de Coimbra e a Universidade Nova de Lisboa estão a receber 32%". Quanto às causas da discrepância, Seabra Santos refere que, embora a UC não tenha sido informada da sua razão,

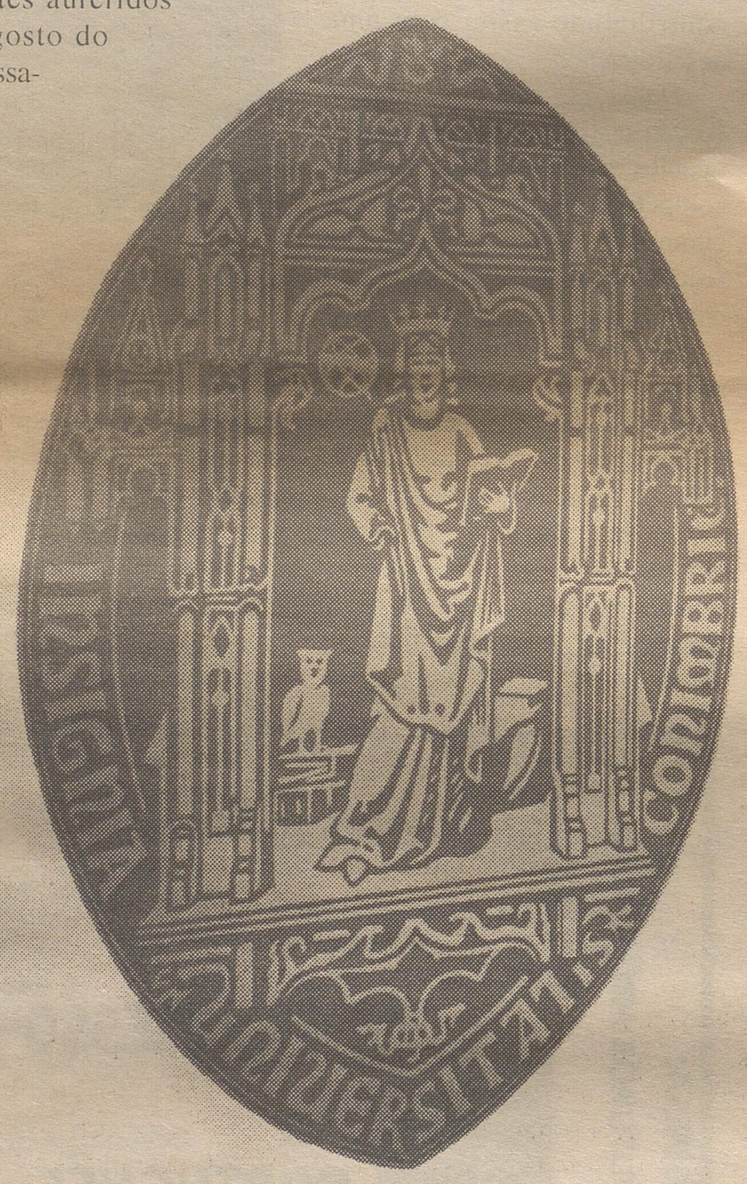
"por coincidência, ou não, ambas as instituições celebraram contratos–programa com o Governo".

Ou seja, o ministério vem agora, por força de uma diminuição do factor de convergência, retirar à UC parte do montante que lhe foi atribuido no ano passado, descontando as verbas recebidas através do contrato–programa entretanto celebrado. Na opinião de Seabra Santos esta realidade desvirtua o objectivo do contrato programa uma vez este foi celebrado tendo em conta as especificidades da Universidade de Coimbra. "O contrato–programa serviu para colmatar o financiamento específico de duas áreas: dos anexos (Jardim Botânico, Teatro Académico Gil Vicente) e dos edifícios monumentais que temos à nossa guarda, uma vez que a sua manutenção e restauro pesa de sobremaneira no orçamento da UC. Estas são estruturas que não têm directamente a ver com a formação normal dos alunos e portanto não podem ser incluidas no orçamento padrão."

A juntar a esta questão surgiu, pela primeira vez este ano, um problema de cálculo do orçamento padrão. As verbas a receber pela UC para pagar aos docentes foram calculadas de acordo com os salários por estes auferidos em Agosto do ano passado. Porém em Dezembro registou–se um aumento salarial de 4,2%, o que faz com que seja necessário retirar verbas dotadas aos custos de pessoal para afectar ao pagamento dos funcionários. "Algo está errado - afirma Seabra Santos - quando o estado impõe às universidades que aumentem os salários dos seus docentes, mas depois não dá as verbas neccessárias para o efeito." Assim, apesar de haver um aumento das verbas atribuidas por parte estado, esse aumento é absorvido pelos aumentos salariais do corpo docente e "para além de ser absorvido não é sequer suficiente, isto é, o aumento é real, mas não é suficiente para suportar os aumentos salariais obrigatórios".

Outro dos vícios é o facto de ser o Estado receber o dinheiro das propinas.

"A consequência disto é que será o Governo a calcular o orçamento das universidades num determinado ano e, depois, em vez de deixar que o dinheiro das propinas acresça a esse valor,transfere apenas a diferença entre esse valor e as propinas", o que faz com que "o dinheiro das propinas seja obrigatoriamente utilizado para colmatar o que ficou retido em Lisboa".



Solução: propinas

Perante esta gama de problemas que se colocam por força desta falta de verbas, será compreensivel que se coloque a seguinte questão: onde vai, então, a UC buscar este dinheiro? E a resposta surge de onde, alguns, menos esperariam: a colmatação deste défice será feita recorrendo ao dinheiro das propinas, o mesmo dinheiro que, segundo a LQFES, deveria "reverter para o acréscimo de qualidade no sistema".

De facto, se no ano transacto, a estrutura do orçamento era de 81% das verbas para o pessoal e 19% para o funcionamento normal da universidade, este ano, por força da já referida valorização salarial dos docentes (não compensada pelo Estado), essa estrutura passará obrigatoriamente para 85% de verbas para o pessoal e apenas 15% para o regular funcionamento da instituição, mesmo sem que a UC contrate uma única pessoa a mais. Deste modo, enquanto que, em 1999, as propinas (que representam cerca de 7 a 8% do orçamento da UC) constituiram um terço das verbas destinadas ao funcionamento da universidade, em 2000 (e tendo em conta que a percentagem de verbas destinadas ao funcionamento serão cerca de 15% do orçamento total) as propinas vão representar cerca de metade ou mesmo mais de metade do orçamento de funcionamento da UC.

A título de exemplo, e segundo o Dr. Seabra Santos,

"para darmos uma ideia de como as coisas se vão passar, enquanto que no ano passado, sem as verbas das propinas, conseguiríamos funcionar até Agosto, este ano tal seria possível apenas até ao mês de Junho".

Existem mesmo, no âmbito da Universidade de Coimbra, quatro faculdades que estão dependentes do dinheiro das propinas no que respeita ao pagamento de pessoal, ou seja, faculdades em relação às quais o dinheiro do Estado não dá para pagar ao pessoal, quanto mais para garantir o seu necessário funcionamento. É o caso das faculdades de Letras, Economia, Psicologia e Farmácia.

Contrato de Qualidade

Através do Despacho nº 6659/99, que veio concretizar o pré–estabelecido no artigo 9º,

Seabra Santos: "Existem quatro faculdades dependentes das propinas"

alínea a) da LQFES, o Ministério da Educação veio trazer um novo conceito para o universo das instituições de Ensino Superior: o denominado Contrato de Qualidade.

No referido despacho, era solicitado às instituições de Ensino Superior que, com vista à celebração deste Contrato de Qualidade, identificassem situações consideradas como de insucesso escolar persistente. Em consequência deveriam também definir medidas correctivas elaborando um programa de acção e quantificando quais os recursos financeiros necessários para o programa. Este contrato de qualidade deveria, pois, a ser celebrado, fornecer verbas consideradas necessárias ao aumento de qualidade de ensino destinado a combater o insucesso escolar. Mas o que acontece (ou vai acontecer) é que, nas palavras do Vice–reitor "se esse dinheiro terá que ser utilizado para fazer funcionar a escola, mantê–la aberta e pagar as contas da luz, será evidente que não poderá ser utilizado para tudo o resto: fazer aulas nocturnas, fazer turmas mais pequenas, ou seja, aquilo para o que o contrato de qualidade deveria estar destinado". Segundo Seabra Santos, perante estes factos, os objectivos a que o contrato de qualidade se propôs, estão obviamente desvirtuados.

Bruno Ferreira e Sérgio Alves

As verbas do PIDDAC

Outra questão que tem suscitado algumas divergências entre a reitoria da UC e o Ministério da Educação está relacionada com as verbas atribuidas pelo Plano de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC). De facto, vieram a público noticias que davam conta do "esquecimento" da Faculdade de Educação Fisica por parte de um PIDDAC já por si reduzido em relação ao atribuido no ano passado à UC. Perante esta situação, o Ministério da Educação (ME), na pessoa do Secretário de Estado para o Ensino Superior, José Reis, defendeu–se referindo que haveria sido dado todo o dinheiro que a UC teria capacidade de gastar no presente ano. Segundo o Dr.Seabra Santos, Vice–Reitor da UC, não se pode, desde logo fugir à realidade dos números, sendo que, neste ponto, a UC e o Ministério da Educação estão de acordo: houve uma diminuição de investimento na UC de 99 para 2000 (cerca de 1,7 milhões de contos para cerca de 1 milhão de contos). O que entra em choque com a posição do ME é que "se a UC tivesse em 2000 a verba que pediu (2,7 milhões de contos), teria capacidade para executar essa verba", não sendo, assim, justificável o argumento de que foi dado à UC tudo o que ela poderia gastar. No entanto, existe ainda a esperança, por parte da UC de que seja possível, ao longo do ano, corrigir algumas destas falhas, através do reforço do PIDDAC.

Editorial

...deverão as verbas resultantes da comparticipação nos custos por parte dos estudantes reverter para o acréscimo de qualidade no sistema.
Art 13º - Lei do Financiamento

O artigo acima transcrito serviu, desde a aprovação em 1997 da Lei Quadro de Financiamento do Ensino Superior, como pedra de toque de toda a argumentação em defesa da aplicação de um sistema de propinas. Argumento este que levou os próprios estudantes a mudarem de um discurso que defendia a revogação imediata desta lei, para uma posição em que defendiam, então, essa melhoria da qualidade do ensino, já que parecia inevitável a existência de propinas.

Porém, o Secretário de Estado do Ensino Superior já começou a falar de uma dessacralização das propinas, o que parece querer justificar teoricamente uma siuação que já se verifica há bastante tempo e que nunca foi reconhecida pelo Ministério da Educação: as propinas não estão a ser utilizadas para a melhoria de qualidade do ensino, mas sim para pagar as contas da luz, para pagar as fotocópias e demais despesas correntes. Está–se a mudar gradualmente de discurso, querendo esconder o desinvestimento, pois ele existe uma vez que as propinas não acrescem ao dinheiro transferido pelo Estado, porque o que é transferido é a diferença entre o orçamento padrão e as propinas. Esta situação torna–se muito mais fácil uma vez que é o próprio Estado a receber dos estudantes o dinheiro das propinas e não as universidades directamente.

É inadmissível toda esta situação. É inadmissível que o Ministério diga uma coisa e depois faça outra, atirando areia para os olhos da opinião pública. É inadmissível que baste atirar números para o ar para justificar posições políticas, que ninguém questiona. E não, não estou a defender a ideia de que a comunicação social está a levar este governo ao colo, que sendo ou não verdade, não deve ser para aqui chamada, pois valores mais altos se levantam - nestas questões de educação o que está em causa é o futuro do nosso país.

Um outro sinal evidente desta engenharia financeira, é o facto de estarem a ser criados mecanismos específicos de apoio à Universidade de Coimbra (UC) que acabam por ser desvirtuados. Em primeiro lugar o contrato–programa que deveria servir para colmatar as necessidades específicas da Universidade de Coimbra, é celebrado, mas posteriormente o ministério desconta do orçamento normal as verbas nele previstas, o que faz com que estas não possam ser utilizados para os fins para que foram criados. O mesmo se passa com o contrato de qualidade, só que com nesta situação ainda é mais grave porque, neste caso, são deixados de lado os problemas pedagógicos que enfermam a nossa universidade. Assim, o Ministério da Educação prepara–se para a aplicação do famigerado, e pouco esclarecido, conceito de estudante elegível baseando a sua argumentação no facto de já ter dado dinheiro para a melhoria da qualidade, o que na realidade acabou por não acontecer uma vez que essas verbas foram na realidade utilizadas para despesas de funcionamento regular da universidade.

Em suma, o Estado dá por um lado e desconta pelo outro. Ou seja, refugia–se em subterfúgios que lhe permitem dizer que dá todo o dinheiro para a Universidade de Coimbra funcionar sem ter que mexer no dinheiro das propinas, mas não o faz; diz que dá dinheiro para a UC manter, nomeadamente o Jardim Botânico, o Teatro Académico de Gil Vicente, mas essas verbas acabam por ser utilizadas para o funcionamento normal da Universidade; diz que dá dinheiro para a melhoria de qualidade de ensino, mas acaba por não o fazer pois a Universidade também precisa desse dinheiro para funcionar. E também diz que há um aumento das verbas transferidas, mas este aumento é consumido pela valorização dos salários dos docentes.

Bruno Ferreira

Cartas ao Director

Coimbra, 8 de Fevereiro de 2000
Ex.mo Senhor
Director de A CABRA,

Acabo de ler o texto intitulado "Alunos de Estudos Feministas exigem uma solução imediata: quatro meses sem professora", publicado na página 7 do n.º 55 de 28 de Janeiro passado do jornal A CABRA. Nesse artigo são reproduzidas declarações que terão sido proferidas pelo senhor Professor Doutor António Manuel Martins, Vice–Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, onde, a propósito desse assunto, se fazem afirmações e insinuações inteiramente falsas, quer sobre o processo em torno da minha não contratação pela Faculdade de Letras, quer, o que é muito mais grave, sobre o meu desempenho profissional. Por estar em causa a verdade dos factos relativos a uma situação que lesou dezenas de alunos e alunas da Universidade de Coimbra inscritos nas disciplinas que se previa que eu leccionasse no 1º semestre de 1999/2000 e ainda minha honorabilidade profissional, venho solicitar–lhe a publicação desta carta.

1. Diz o senhor Professor Doutor Martins que "desde que tivemos (CD da FLUC) conhecimento da situação [de que a minha requisição, que nos últimos 3 anos fora da responsabilidade da Reitoria da Universidade, voltava a ser, por política do actual reitorado, da exclusiva responsabilidade da Faculdade], no mês de Agosto, tentámos arranjar uma solução através da fórmula do destacamento" (1). É falso. Na tarde de 31 de Agosto, dia em que terminava a minha requisição e portanto último dia do meu contrato com a Universidade de Coimbra, o Conselho Directivo da Faculdade de Letras devolveu à Administradora da Universidade os documentos relativos à minha contratação para o presente ano lectivo, considerando que lhe teriam sido enviados para despacho "certamente por lapso". Só depois de o Conselho Científico, que me tinha, aliás, em devido tempo distribuído serviço docente para 1999-2000, ter aprovado nova proposta da minha contratação em 23 de Setembro é que o Conselho Directivo da Faculdade viria a encetar diligências no sentido de uma nova contratação.

2.Diz o senhor Professor Doutor Martins "O acordo com a professora demorou bastante tempo, mas em Dezembro já o tínhamos atingido" (2). Falso. Nenhuma demora neste processo se deveu a qualquer dificuldade de "acordo com a professora". A 7 de Outubro, a Secretaria da Faculdade contactou–me para que eu declarasse a minha concordância com uma proposta de destacamento, documento que foi por mim assinado logo no dia 8 de Outubro. Um mês depois, a 9 de Novembro, fui informada pelo Presidente da Comissão Científica do Grupo de Estudos Anglo–Americanos de que a DREC comunicara à Faculdade que, nos termos do Estatuto da Carreira Docente, a forma de mobilidade a aplicar no meu caso (como em todos os outros de mobilidade do ensino secundário para o ensino superior) deveria ser a requisição e não o destacamento. Insistindo a Faculdade na modalidade de destacamento (que, assinale–se, difere da requisição apenas quanto à entidade responsável pelo pagamento dos vencimentos (na requisição, a entidade requisitante, isto é, a Faculdade; no destacamento, a instituição de origem, isto é, a Escola Secundária), o assunto iria ser levado à consideração do Secretário de Estado da Administração Educativa. Por despacho de 29 de Novembro do Secretário de Estado, foi autorizado, a título excepcional, o destacamento até 31 de Dezembro, "passando a requisição a partir de 1 de Janeiro" (3). Isto significa que a minha contratação foi superiormente autorizada para o ano lectivo de 1999/200, sendo assim falso que, como se afirma no texto, o Secretário de Estado apenas autorizasse "o absurdo" de "uma professora dar aulas durante um único mês que decorre, na sua maioria, em férias de Natal". Não houve "absurdo" nenhum. O Secretário de Estado limitou–se a entender a Faculdade se deveria responsabilizar, nos termos da lei, pelos vencimentos de Janeiro a Agosto de 2000 de quem lá iria prestar serviço docente. Como aliás reiterou, em despacho de 28 de Dezembro, ao explicitar que a autorização de, a título excepcional, a docente prestar serviço na Faculdade nos meses de Setembro a Dezembro em regime de destacamento, se destinava simplesmente a "prevenir possíveis dificuldades de natureza orçamental da Faculdade para assumir a requisição logo a partir do início do ano lectivo de 1999/2000".

3. A "outra solução" que o Conselho Directivo (que continuou a recusar a requisição da docente (encontrou, no dizer do senhor Professor Doutor Martins, e que consistia na acumulação de funções na Faculdade e na Escola Secundária, não abrangia, ao contrário do que é insinuado no texto, a disciplina de Estudos Feministas. A proposta de acumulação de 4 horas que me fez o Conselho Directivo a 16 de Dezembro, depois de expirados aliás todos os prazos legais para processos de acumulação de funções (31 de Outubro), foi para leccionar apenas a cadeira de Introdução às Ciências da Educação. É inteiramente verdade que recusei, por indigna, essa proposta.

4.É inteiramente falsa a afirmação do senhor Professor Doutor Martins de que "a dr.ª Abranches recusou avaliar [os alunos], apesar da avaliação lhe ter sido oficialmente solicitada pela Faculdade de Letras". Ao dispensar abruptamente e sem a mínima explicação os meus serviços a 31 de Agosto, não teve a Universidade ou a Faculdade qualquer preocupação com as alunas e alunos com avaliações de 2ª época. Mas parece agora conveniente eximir–se às suas responsabilidades imputando a outros um comportamento fora de qualquer ética profissional. Nunca recusei avaliar os meus alunos e alunas. Quando, a 27 de Setembro, me foi solicitado, por uma instituição que tinha dispensado os meus serviços e a que me não ligava já qualquer vínculo contratual, "o especial favor" (sic) de proceder à avaliação dos meus ex–alunos e alunas, manifestei de imediato e por escrito a minha inteira disponibilidade para cumprir esse dever (não se tratava, efectivamente, de nenhum "favor"). Apenas solicitei que me informassem de qual o suporte jurídico da minha intervenção, como pessoa externa à Universidade, em actos de avaliação, para evitar que se viesse posteriormente a verificar estarem os mesmos feridos de alguma nulidade. A resposta nunca chegou. Quando, depois de conhecido o despacho acima referido do senhor Secretário de Estado sobre a possibilidade da minha contratação, o Conselho Directivo me solicitou que, num prazo curtíssimo, procedesse às avaliações pendentes, acedi de imediato e as avaliações fizeram–se nas datas marcadas pelo Conselho Directivo (as provas escritas, defesas de trabalhos e provas orais das duas disciplinas foram efectuadas em 3 dias, respeitando o intervalo legal de 48 horas entre a publicação dos resultados e as orais).

Peço–lhe desculpa pela extensão deste esclarecimento, que quis o mais sucinto possível. Mas, como é sabido, se "atirar bocas" para o ar num instante se faz, repor a verdade com precisão e seriedade ocupa mais tempo e espaço. Antecipadamente lho agradeço. A bem da Universidade em que estudei e que servi como docente durante 25 anos.

Cordiais saudações,

Graça Abranches

N.R.:*(1) Segundo António Martins, o Conselho Directivo e as restantes instituições da FLUC iniciaram as diligências para resolver os problemas de contratação de Graça Abranches no mês de Agosto. Afirma também que a fórmula do destacamento foi a primeira solução que experimentaram.*

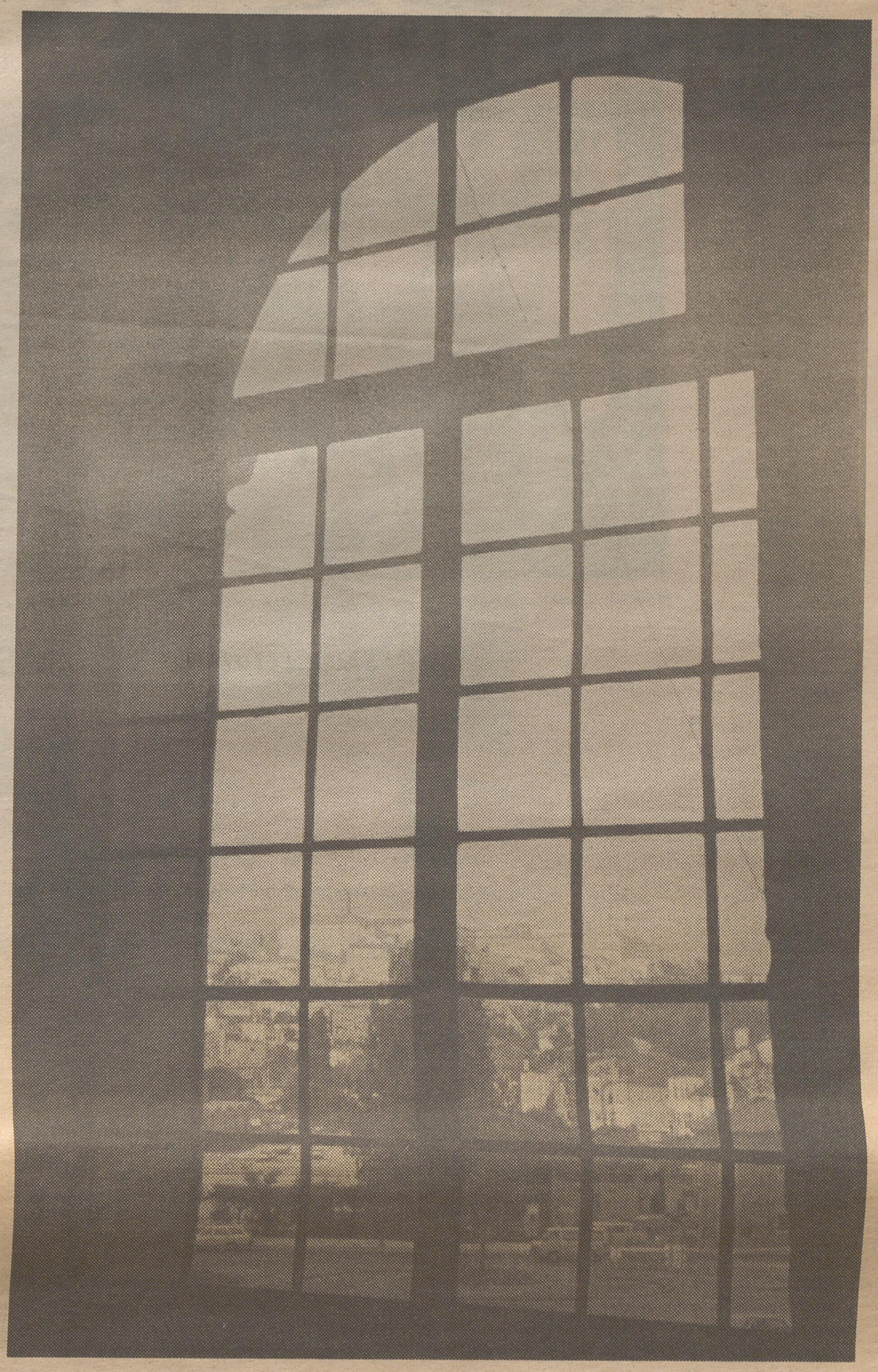
(2) António Martins referia–se ao processo burocrático geral e não a qualquer diferença contractual entre a professora e as autoridades da FLUC.

(3) António Martins referiu–se à possibilidade de requisição da professora a partir do 1 de Janeiro, mas só tangencialmente e justificando em razões orçamentais o seu rejeito pela FLUC. Também considerou a decisão insólita porque os destacamentos acostumam a conceder–se por anos lectivos.

Miguel García–Sancho

Ficha Técnica
Director: Bruno Ferreira **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Vale, Nuno Curado, Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Sérgio Alves **Redacção:** Ana Laura, Ana Pais, Andreia Gouveia, Bruno Vale, Cecília Santos, Daniel Marinho Pires, David Pereira Bastos, Eduardo Brito, Fernando Nunes, Graça Costa, Guilherme Oliveira, Helder Silva Dantas, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos,Leonor Tato, Pedro Correia, Ricardo S. Salgado, Rui Silva, Sérgio Alves, Sónia Martins, Susana Almeida, Susana Martins **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Rosário Salvado, Tiago Maranhão, Ana Sousa, Cátia Cabrita, Filipe Vicente, Nuno Dias, Paulo Teixeira, Rui Correia,Tiago Marques **Fotografia:** Renata Pimenta, Nuno Curado, Rui Simões **Publicidade:** Bruno Vale contacto - 966337197 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Coimbra ontem e hoje

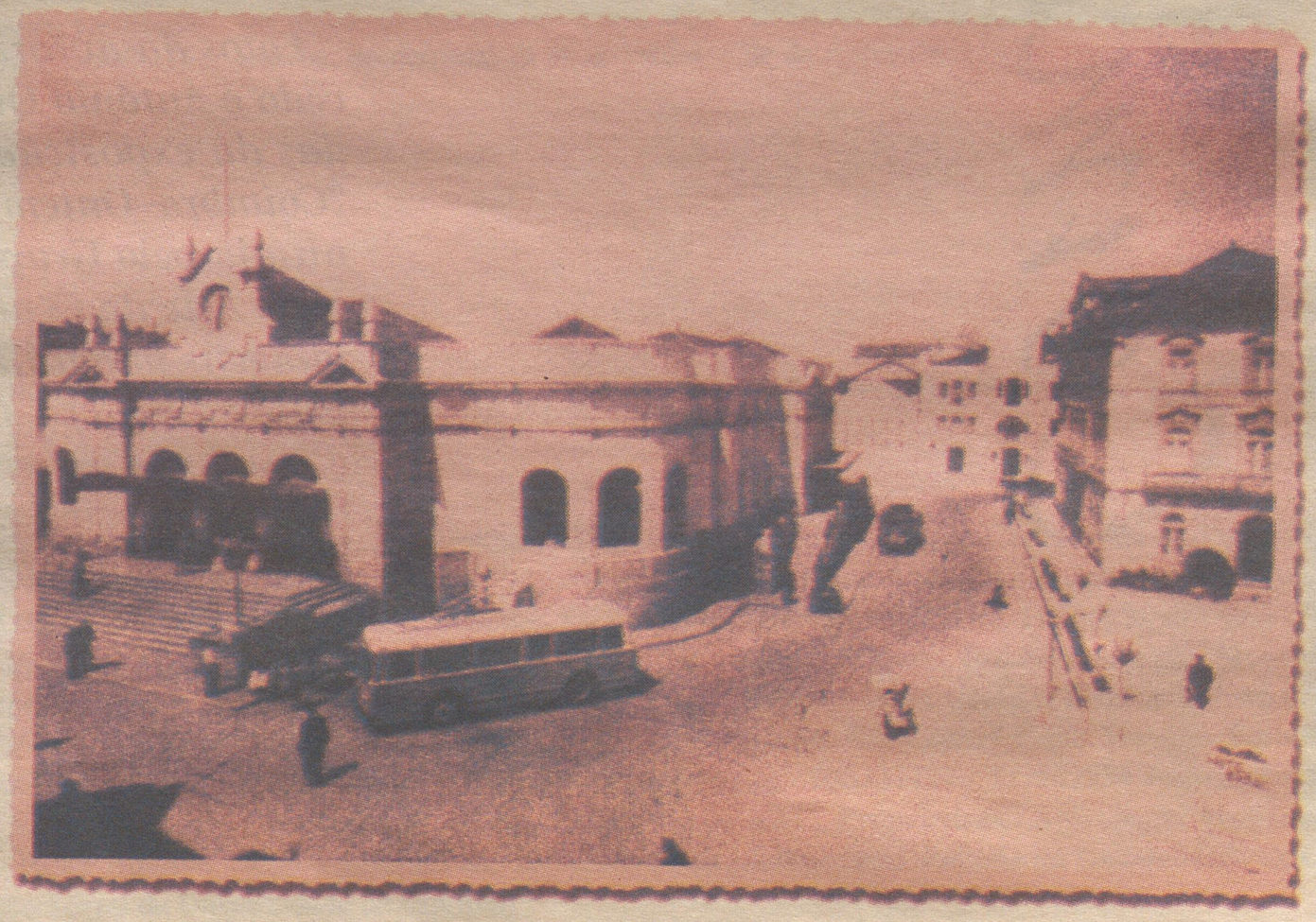


Fotos da autoria de João Azevedo e António Quinteira retiradas da exposição de fotografia "Coimbra–Ontem e Hoje", organizada pelo Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC). "As imagens fotográficas dizem respeito a Coimbra, incidindo sobre o património construído - monumental e civil (...)". Esta exposição esteve patente na Casa Municipal da Cultura no passado mês de Dezembro e entrará agora em itinerância por várias escolas secundárias de Coimbra.

Coimbra
Coimbra

Perspectiva da Praça 8 de Maio

A antiga ponte sobre o Rio Mon



Vista sobre a Estação Nova

era assim...

era assim...

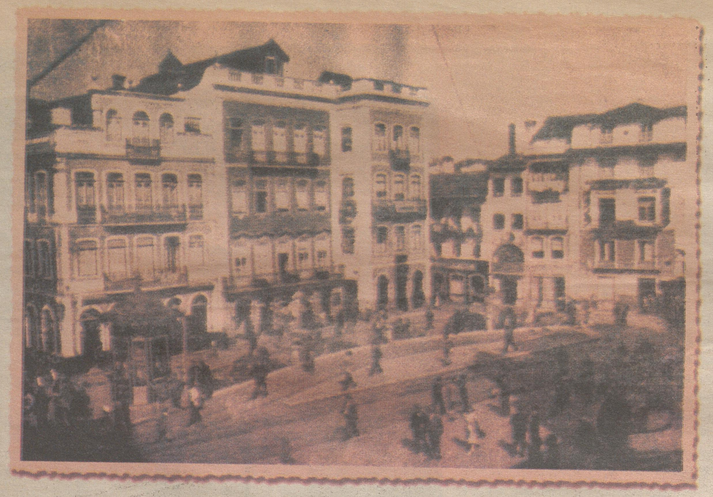
Olhar sobre a Praça do Comércio em 1935

ndego

Vista sobre o Mercado D.Pedro V

Coimbra era assim...

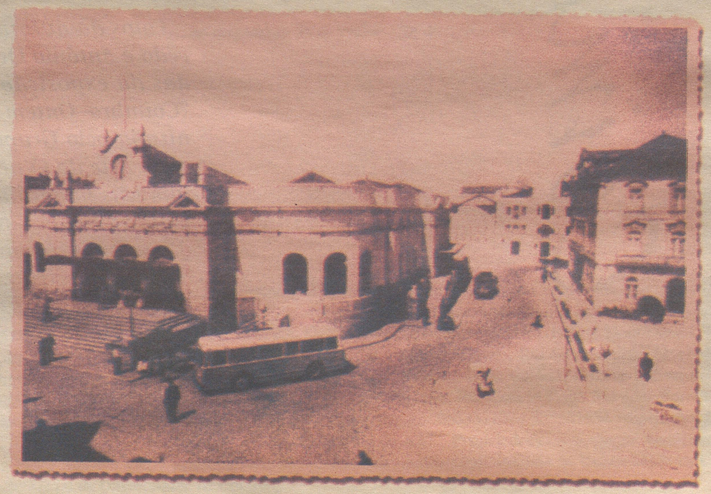
Coimbra era assim...



Perspectiva da Praça 8 de Maio

Olhar sobre a Praça do Comércio em 1935

A antiga ponte sobre o Rio Mondego



Vista sobre a Estação Nova

Vista sobre o Mercado D.Pedro V

Reunião de Associações Académicas

Cheque em branco

Vaga e pouco objectiva. Foi deste modo que as Associações Académicas de todo o país classificaram o Anteprojecto da Proposta de Lei de Organização e Ordenamento do Ensino Superior que lhes tinha sido enviado pelo Ministério da Educação (ME). Esta foi uma das conclusões da reunião que se realizou no Domingo, no Mini–Auditório da Associação Académica de Coimbra (AAC).

Na opinião de Humberto Martins, presidente da Direcção Geral da AAC e anfitrião da reunião, esta lei, a ser aprovada, seria um cheque em branco, passado não só pelos estudantes, mas também pelas universidades e pelos politécnicos, pois permitiria que o Ministério da Educação tomasse decisões sem os consultar. "Não se pode aprovar um documento genérico, com uma declaração de princípios, porque a lei é feita depois, administrativamente, pelo Ministro [Guilherme Oliveira Martins], sem que haja uma discussão".

A proposta referida tem por objecto uma lei que visa organizar e ordenar o Ensino Superior, em todas as suas vertentes: universitário e politécnico, público e privado. Um dos seus pontos mais importantes é o conceito de "rede - um conjunto coerente e complementar de estabelecimentos funcional e espacialmente organizados, visando a prossecução de objectivos do Ensino Superior". O artigo 24º nº 2, porém, prevê que os critérios de definição deste conceito sejam posteriormente aprovados por decreto–lei.

Em relação ao pedido de contribuições feito pelo ME, Humberto Martins disse que, apesar de ter tido acesso ao documento bastante tarde, não adianta fazer propostas, uma vez que "toda a sua regulamentação é deferida para uma altura posterior", sendo portanto difícil tomar posição acerca deles. Afirma, contudo, que uma lei destas é bastante necessária, porque vive–se actualmente uma anarquia no Ensino Superior, não se sabendo e não se definindo o que é que ele deve ser.

Bruno Ferreira

Humberto Martins: "Esta lei é um cheque em branco"

Estudantes de Enfermagem sem Acção Social Escolar

Picada nas Bolsas

Os estudantes de enfermagem estão em pé de guerra com o Ministério da Saúde e com a Pasta da Educação, estando em causa a não atribuição de Bolsas de Estudo desde Outubro de 1999. A Federação Nacional de Associações de Estudantes de Enfermagem (FNAEE) já começou a contestação com uma manifestação em frente da Assembleia da República.

No início de Janeiro os estudantes de Enfermagem ao verificarem que as escolas ainda não tinham recebido as verbas para pagar as bolsas de estudo, iniciaram uma série de contestações. As diligências ao Ministério da Educação (ME) e ao Ministério da Saúde (MS) não deram frutos. Deste modo, os estudantes de enfermagem endureceram as formas de luta. Uma marcha rumo aos dois ministérios que tutelam os cursos de enfermagem e a entrega de um documento na Assembleia da República com as suas exigências foram os passos seguintes.

A situação é de tal modo grave que " há estudantes de enfermagem sem receber bolsa há cinco meses e meio e já há casos de desistências" denuncia Pedro Frias Presidente da FNAEE.

A responsabilidade pelo curso de Enfermagem é dos Ministérios da Educação e da Saúde pelo menos até ao ano 2001, devendo–se este facto à recente passagem de bacharelato para licenciatura. Esta co–tutela levou a que tenham sido atrasadas as verbas para a Acção Social Escolar. O ME recusou–se a responder aos estudantes: " o Ministério da Educação já nos habituou a furtar–se ao diálogo". A responsabilidade da atribuição de bolsas é do MS. Neste caso,a resposta partiu da Directora do Departamento de Recursos Humanos que disse aos futuros enfermeiros que apenas onze das 24 escolas iriam receber o dinheiro esta semana. O dinheiro, porém, será apenas para alunos do 2º, 3º e 4º ano ficando de fora os primeiranistas o que o presidente da FNAEE considera " uma barbaridade".

Bissaya Barreto paga bolsas

A Associação de Estudantes da Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto (AEESEBB) de Coimbra está " indignada com o atraso nas bolsas" e juntou–se à FNAEE nas acções de luta.

" A senhora Ministra da Saúde diz que nós somos uma gota de água no oceano que é o dinheiro disponível" acusa Vera Gonçalves, vice–presidente da AEESEBB. Na Escola Bissaya Barreto a situação ainda não chegou ao ponto de se registarem desistências do curso porque " a escola está a pagar algumas bolsas indispensáveis a alunos mais carenciados". As respostas que vão chegando do MS indicam que o pagamento está prestes a ser realizado, faltando apenas a assinatura da Ministra da Saúde Manuela Arcanjo.

No entanto, os estudantes de enfermagem mostram–se impacientes e ameaçam endurecer as formas de luta se a situação não for resolvida até ao final do mês. As eventuais estratégias de protesto serão delineadas na Reunião das Associações de Estudantes de Enfermagem e no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), ambos a decorrer no segundo fim–de–semana de Março.

À hora do fecho desta edição A CABRA não tinha conseguido contactar fontes do Ministério da Saúde ou da Educação.

José Carlos Santos

www.aac.uc.pt/cabra

Também disponível no Sri-Lanka

Ajudas de estudo em épocas de frequências

"Droga" de frequências

A aproximação da época de frequências e exames comporta em si uma alteração do modo de vida da maioria dos estudantes: menos noitadas, menos convívio, mais estudo. Paralelamente inicia–se também um período marcado por uma grande tensão psicológica: o que interessa é passar! Assim, várias são as tácticas dos estudantes para conseguir rentabilizar o estudo. Uma delas é, sem dúvida, o recurso cada vez mais frequente às soluções oferecidas pelo mundo da medicina e da farmacologia.

Mas até que ponto é esta solução eficaz e até que ponto as vantagens obtidas não serão derrubadas por qualquer efeito nefasto daí decorrente? Para encontrar uma resposta, a CABRA foi ao encontro dos estudantes, inquirindo–os acerca dos medicamentos que utilizam nesta época. Deste inquérito resultou uma longa lista, onde avultavam maioritariamente os medicamentos vendidos sem receita médica e com uma composição marcadamente mais "natural": as denominadas vitaminas, normalmente apresentadas em ampolas bebíveis. A finalidade mais prentendida pelos estudantes é, com estes produtos, o aumento da concentração.

Desta lista constavam ainda outro tipo de medicamentos, também bastante frequentes, vendidos só com receita médica e com uma composição mais "química", geralmente em forma de comprimidos. Aqui as finalidades pretendidas são várias: favorecer a concentração, a memória, estimular a vigília, diminuir o cansaço, o stress... É principalmente em relação a estes que se costuma questionar os possíveis efeitos secundários nefastos que possam causar.

Para permitir uma lista ainda mais completa, A CABRA, foi ainda às farmácias , onde os resultados foram idênticos, à excepção da surpresa dos farmacêuticos relativamente ao uso de "Guronzan" por parte dos estudantes. A explicação reside no alto teor de cafeína que este produto contém, ajudando assim às noitadas de estudo.

Apurada a lista de medicamentos, fomos submetê–la à apreciação do Dr. Manuel Quartilho, médico nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC). Inquirido sobre a eficácia dos produtos, concluiu que cada pessoa é um caso: os medicamentos actuam de modo diferente em cada um. Podem ajudar a acalmar, a raciocinar com mais clareza e mesmo tornar o indivíduo mais comunicativo. Podem também não operar efeito algum.

Porém, os efeitos positivos não são da inteira responsabilidade dos fármacos. O que acontece muito frequentemente é o chamado "efeito placebo", ou seja, uma reacção psicológica que convence o indivíduo de que o produto é de facto eficaz, tornando-o mais confiantante em si, mais concentrado,mais capaz. Estes efeitos são atribuídos, pela pessoa ao medicamento, ignorando assim que boa parte se deve a um efeito psicológico. É o caso de o aluno ingerir um determinado fármaco antes de um exame e este lhe correr bem, associando a partir daí os bons resultados àquele medicamento. Apesar de tudo isto, o medicamento resulta, efectivamente, de uma forma útil para o estudante devido a este efeito placebo. Não se pense, contudo, que este se verifica sempre, visto que, em alguns casos, (nomeadamente nos fármacos com efeito semelhante a um anti–depressivo) há realmente uma melhoria subjectiva nas capacidades do indivíduo, sendo tal efeito directamente decorrente do produto.

No que respeita aos possíveis efeitos secundários negativos, o Dr. Quartilho refere que eles são na sua esmagadora maioria inócuos. Contudo há que referir o caso dos ansiolíticos que alguns dos estudantes admitiram que consumiam. Estes podem, ocasionalmente, provocar "bloqueios" de raciocício, sendo por isso aconselhável ter algum cuidado com o seu consumo. Quanto ao resto dos produtos fármacos verficam–se pontualmente em relação a alguns deles, outros efeitos considerados normais como por exemplo um aumento de peso ou início de aleitamento nas mulheres.

Questionado sobre a sua opinião pessoal acerca do recurso cada vez mais frequente aos medicamentos, o médico responde que, por um lado,o ideal seria os estudantes não recorrerem a eles visto que na maioria dos casos não haver necessidade. Por outro lado, há situações que convém tratar não só com o recurso a fármacos mas também com ajuda psico - terapêutica disponível nos HUC. É o exemplo frequente dos estudantes que sofrem de verdadeiras "fobias" a exames e orais que prejudicam o seu sucesso escolar não devido a falta de capacidades mas simplesmente porque essas fobias levam–nos a não ir aos exames e às orais. Nestes casos, a ajuda medicamentosa não é suficiente pois terá de ser complementada com consultas psiquiátricas para surtir o efeito desejado.

Posto isto, se estiver a pensar em começar em socorrer–se de ajudas medicamentosas para as épocas de exames o mais indicado é falar com o seu médico de modo a encontrar a solução mais correcta para o seu caso e não perguntar aos seus amigos quais os medicamentos que usualmente consomem pois isso pode conduzir não só à frustração do efeito pretendido como também ao surgimento efeitos secundários indesejáveis. Além disso, se esse for o seu caso, convém não descurar a ajuda psico- terepêutica pois tal pode conduzir a resultados bem mais satisfatórios.

Rui Correia

O problema da prostituição em Coimbra

O lado escuro da noite

As ofertas alternativas da noite de Coimbra são mais vastas do que se pensa. Desde casas requintadas a apartamentos esconsos, há mesmo de tudo.

Nos jornais os anúncios aumentam de dia para dia. Àqueles que oferecem, a um preço que pode ir até aos 50 contos, momentos de intimidade e prazer, vêm juntar–se um cada vez maior número de casas especializadas em proporcionar ambientes de descontracção, sobretudo a "cavalheiros". Mas numa cidade como Coimbra, que vive voltada para a Universidade, estes locais não passam, para a grande maioria, de letras em papel de jornal, alusões a um mundo noctívago mais imaginado que conhecido. Contudo, nem só de bares académicos é feita a noite de Coimbra, mesmo para quem lhe frequenta os corredores...

"Me liga, vai..."

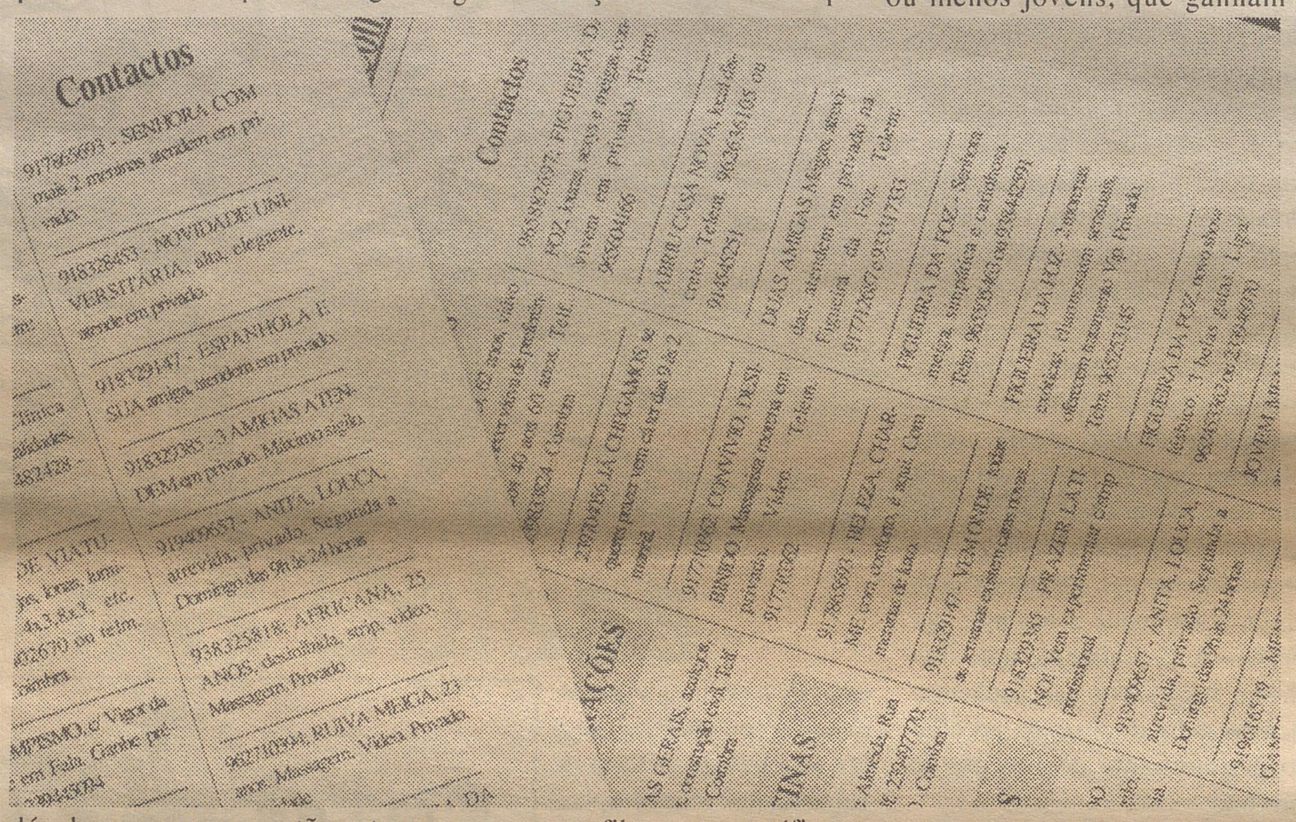
A primeira incursão foi telefónica e teve como alvo os anúncios pessoais. Em 5 dos 10 telefonemas efectuados o atendimento foi discreto, com uma rápida alusão aos preços praticados (não sujeitos a negociação) e uma também rápida descrição da profissional ou profissionais disponíveis, com o indispensável colorido dado pela referência a números, tamanhos, performances ou especialidades. Em 3 desses mesmos telefonemas foi desde logo esclarecido que o uso de preservativo era obrigatório. Nos outros 7, como não houve menção directa a esse assunto, a pergunta foi colocada. A resposta foi maioritariamente vaga: "É preferível, até para sua segurança, não é?" Em 5 dos contactos a recepção foi um pouco diferente, com vozes insinuantes, melosas, roucas ou infantis a responderem do outro lado. Uma das contactadas declarou, para início de conversa, ser estudante universitária e ter "apenas 20 aninhos". Mas à pergunta "em que faculdade andas?" respondeu apenas com um sedutor "marcamos encontro e eu conto–te tudo...".

O.k. Mas isto qualquer um pode descobrir sem sair de casa, com os custos de algumas chamadas para telemóveis. Então e os "antros"?!

Les Maisons ...

A maioria situa–se a alguns kms da cidade. São casas isoladas, algumas com estacionamento privativo. O funcionamento–tipo é o de pagar à entrada um valor que oscila entre os 1500 e os 5000 escudos, com direito à primeira bebida. Depois, já no recinto e rodeado de empregadas solícitas, o cliente pagará mais cerca de 1000 a 4000 escudos por cada bebida, e valores mais elevados se requerer serviços extras.

O funcionamento interno é baseado na "motivação": as empregadas recebem uma parte considerável do valor pago quer na entrada - pelo que devem ser simpáticas e esforçar–se por criar no cliente o desejo de voltar - quer por cada bebida pedida - razão pela qual tentam levar o cliente a beber o mais possível e, de preferência, também a oferecer–lhes bebidas. Claro que, quando suficientemente bajulado o cliente pergunta à menina o que deseja para beber e acompanhar a agradável conversa que estão a ter, ela irá pedir um cocktail dos mais caros... e que não é mais do que sumo, devidamente servido num copo de cocktail, com o rebordo mergulhado em vodka para cheirar à suposta bebida (bem) paga.



Seleccionámos três estabelecimentos para fundamentar a pesquisa.

O primeiro "salão" visitado assemelha–se a um grande chalé de montanha, aquecido por uma lareira e decorado de modo acolhedor. À primeira vista podia ser apenas mais um bar, com música ambiente e sofás confortáveis. Só os dois enormes porteiros holandeses e as empregadas vestidas à "french maid" - exactamente como no "Allô Allô" - levantam suspeitas. Depois, a presença da Madame torna–se evidente. Lânguida, ostentando uma enorme cabeleira negra e um sem número de jóias, supervisiona atenta e altivamente tudo e todos. Qualquer cliente que entre é prontamente seguido por uma das criadinhas francesas que, coquetemente, e depois de o instalar num dos sofás, lhe pergunta o que deseja beber, uma e outra vez, até à exaustão do cliente ou da sua disponibilidade económica. Se por acaso alguma das meninas fica a conversar mais longamente com um cavalheiro que não está a consumir o desejável, eis que surge a Madame e, com uma delicadeza forçada, a repreende :"É melhor ires trabalhar, já que o cavalheiro não parece estar a valorizar a tua companhia..." E resulta? Às vezes. Até porque o contacto entre clientes e empregadas não pode ir além da conversa - qualquer tentativa de aproximação física é "desmotivada" pelos porteiros . É que para prazeres mais íntimos há outras meninas e, obviamente, outros valores envolvidos. Mas alguns clientes parecem estar mesmo apenas a desfrutar o ambiente, nem sequer prestando grande atenção ao show de striptease ou aos filmes pornográficos exibidos continuamente. Já outros não se demoram a pedir "uma menina". Nesses casos, as ordem da Madame são claras: as funcionárias devem chamá–la de imediato, para que se inteire dos desejos do cliente, lhe fale das opções disponíveis, e claro, do preço.

À meia–noite dá–se o primeiro show de strip. Ao som de um sugestivo samba, uma jovem entra envolvida num casaco de peles de que rapidamente se desfaz. Depois, em 6 minutos de insinuação e sedução, ela despe–se perante olhares gulosos, divertidos ou tímidos. Acabado o show ouvem–se os aplausos e ela retira–se com o casaco se peles vestido e as roupas na mão. A cena repete–se, sem alteração, se entretanto chegar um número de clientes que o justifique: é que a dançarina ganha por minuto, e a Madame só investe com a certeza do retorno do investimento...

Nas outras duas "maisons", as diferenças não vão além da decoração, dos espaços e das empregadas. Uma oferece um show mais elaborado, com várias strippers, enquanto outro garante ter as melhores e mais fantasiosas instalações.

Os cavalheiros

São sobretudo viajantes de passagem, camionistas a fazer uma pausa já integrada no percurso habitual, e alguns polícias ou GNRs a gozarem um certamente merecido descanso. Abusadores? "Não", garantem as funcionárias, "quando muito pervertidos", mas só em privado. Mas, a maioria, nem isso. Apenas pessoas solitárias a precisar de companhia ou de um estímulo sexual, ainda que de forma efémera.

As meninas

São mulheres comuns, mais ou menos jovens, que ganham cerca de 15 a 30 contos por 5 ou 6 horas de trabalho. Fácil? Não, garantiram–nos as duas mulheres que aceitaram revelar–nos um pouco mais sobre os meandros deste negócio nocturno, e sobre as suas próprias vidas.

A Alva tem apenas 21 anos e três filhos. Faz striptease e também o "serviço de quartos". Faz questão de dizer que usa sempre preservativo, e que os filhos - a mais velha tem 6 anos - não sabem de nada. O pai das crianças fugiu - dela ou dos negócios escuros em que andava metido - e nunca mais deu notícias. Contratou uma baby sitter que cuida dos filhos enquanto ela trabalha. Tem a 4ªclasse, mas gaba–se de não deixar faltar nada aos seus pequeninos. Tem um namorado, o Pires, que é o "faz–tudo" da Maison onde Alva trabalha. Ciúmes? "Não", afirma com um tom quase de orgulho, "ela vende o corpo, mas só o entrega a mim, percebe? E só eu é que a amo de verdade...".

A Clara é mais velha que a Alva, tem "quarenta e poucos", mas a maquilhagem e a sedosa cabeleira postiça não deixam adivinhar mais de trinta. Só faz o serviço de mesas, porque o resto "só com o marido", que aliás é a causa do seu trabalho. Mas ele sabe? "Não, se soubesse matava–me. É que ele é empreiteiro, os clientes não lhe pagaram, ele perdeu a cabeça e acabou por ir parar à cadeia. Agora estou a tentar juntar algum dinheiro para começarmos uma vida nova quando ele sair." E ele não vai estranhar tanto dinheiro? Clara sorri e encolhe os ombros: "Morreu–me uma tia, sei lá. Quando há dinheiro não se fazem muitas perguntas...". Tem um filho, mas vive com a avó materna, por causa da escola - "E é bom aluno", afirma orgulhosa.

A pergunta inevitável

Como lidam estas mulheres com o seu trabalho? "Não gosto", é a resposta unânime. Ninguém gosta, afirma Alva, ninguém se sente digna depois de estar com 4 ou 5 homens na mesma noite. E mesmo se, como a Clara, só servem às mesas, é ainda assim preciso esconder - das famílias, dos vizinhos, de todos. Porque estas casas não são consideradas decentes para trabalhar, ainda que seja a fazer limpezas. Preconceito? "Não sei, sabe?- interroga–se Alva -"Eu não gostava que a minha filha tivesse um dia que trabalhar aqui, por isso acho que não posso culpar os outros por olharem para tudo isto com um certo mal–estar." "Mas não somos bichos - esclarece Clara de imediato - se trabalhamos aqui é porque queremos algo melhor no futuro, para nós e para os nossos". E não há quem trabalhe apenas porque é "dinheiro fácil"? As duas mulheres hesitam. Depois Alva decide–se e fala de Branca, uma amiga comum que também trabalha na Maison, mas só à semana, porque é estudante universitária e os fins–de–semana estão reservados para a visita aos pais, que nem desconfiam. "A Branca não tem filhos para sustentar, nem um marido preso e com dívidas. Mas quer vestir–se melhor, juntar dinheiro para aquelas coisas que os pais, de classe média, não lhe podem dar. E depois ela só serve à mesa, o que há de mal nisso?" "Mas a verdade - corrige Clara - é que já por duas vezes esteve a noite toda escondida porque apareceram por cá pessoas que ela conhecia da Faculdade..." Porque, afinal, os clientes podem ser quem menos se espera...

Andreia Gouveia

Todos os nomes foram alterados para salvaguarda dos envolvidos. A CABRA agradece também a todos os que, tendo tornado esta reportagem possível, desejam manter o anonimato.

Instituto Pedro Nunes

A tecnologia no quotidiano

O Instituto Pedro Nunes, localizado na Quinta da Nora, em Coimbra, tem uma função fundamental: dar aos resultados da investigação científica uma aplicação prática, contribuindo assim para o desenvolvimento tecnológico do sector produtivo.

O Instituto Pedro Nunes (IPN) - Associação para a Inovação e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia foi criado em 1991, na sequência de uma iniciativa da Universidade de Coimbra. O objectivo desta instituição sem fins lucrativos é promover a transferência de tecnologia entre a Universidade e empresas privadas e a inovação tecnológica de um modo geral, tanto em empresas como noutras entidades.

Este instituto deve o seu nome a um matemático do século XVI, que foi docente na UC, e que reflecte o espírito que está na base da sua acção: a interligação entre a investigação científica e a aplicação prática dos seus resultados.

A filosofia do IPN obedece a uma lógica transversal: não está vocacionada para uma área tecnológica em particular, e um dos seus grandes objectivos é fazer a interligação entre a UC e as empresas particulares, servindo de interface entre laboratórios e investigadores ligados ao sistema científico e tecnológico e o sector produtivo.Todos os laboratórios do IPN desenvolvem trabalhos com entidades exteriores, tentando responder a questões concretas e encontrar soluções para problemas práticos que elas apresentam no dia–a–dia. Saliente–se, por exemplo, a colaboração do Laboratório de Informática e Sistemas do IPN no processo de informatização dos tribunais, ou o caso de um trabalho realizado pelo Laboratório de Ensaios de Desgaste de Materiais para a Revigrés, que na sua actividade utilizava uma ferramenta que ficava inutilizada após oito horas de uso; após a investigação realizada por este laboratório, este prazo de duração passou a ser de dois meses.

Instalações do Instituto Pedro Nunes

Os projectos de investigação pura são feitos na Universidade, enquanto que os projectos de investigação aplicada são realizados pelo instituto. A relação estreita que existe entre o IPN e a UC, em especial a Faculdade de Ciências e Tecnologia, confere–lhe um elevado potencial de investigação, inovação e capacidade de transferência de tecnologia. Esta relação de colaboração com a UC reflecte–se, por exemplo, no facto de, estatutariamente, o presidente da direcção deste instituto ter que ser um docente da UC, para além de que todos os directores dos laboratórios são professores na Universidade.

A incubadora de empresas

Uma das principais componentes do IPN é a incubadora de empresas. Trata–se de um espaço de crescimento de empresas de base tecnológica, e que apresentam aspectos inovadores nessa área. A ideia, que é comum a todas as incubadoras, é facilitar aos promotores o arranque da empresa, diminuindo o esforço financeiro inicial. O IPN faz a aquisição do equipamento que a empresa teria de fazer, para além de fornecer apoio na área de consultadoria de gestão e do marketing, facultando ainda o espaço para a instalação do projecto através de uma renda subsidiada, inferior à que normalmente se pratica no comércio, de modo a limitar o esforço financeiro necessário para o arranque de qualquer empresa. Trata–se de potenciar a capacidade destes projectos e das próprias pessoas, que possuem um determinado perfil técnico mas que muitas vezes não têm conhecimentos suficientes em matéria de gestão - é essa a componente que se quer reforçar.

Para que uma empresa faça parte deste projecto, é necessária a apresentação prévia de um plano de negócios, isto é, uma indicação dos mercados em que a empresa quer operar, a sua missão nesses mercados e os recursos que necessita para desenvolver essa missão. Depois da apresentação deste plano, é feita uma avaliação da viabilidade financeira do projecto. Mas os critérios de avaliação do IPN não respeitam apenas à viabilidade financeira; eles relacionam–se também com o perfil dos promotores, que devem ser pessoas com determinadas capacidades técnicas na área que querem desenvolver, embora não seja necessário que os candidatos a este projecto sejam licenciados no ensino superior.

Neste momento, há 12 empresas na incubadora do IPN, que dentro em pouco passarão a 15 e depois a 18, uma vez que este espaço tem vindo a crescer ao longo do tempo e há já várias empresas em lista de espera. Estas doze empresas que actualmente se encontram na incubadora são de diferentes áreas, entre elas a informática, a electrónica, o ambiente e a metereologia. O dado comum a todas elas é a vertente de inovação tecnológica que todas apresentam. O período máximo de permanência das empresas na incubadora do IPN é de três anos.

Vários destes projectos empresariais saídos da incubadora desenvolvem hoje uma actividade regular no sector produtivo, sendo completamente independentes, o que talvez não teria sido possível se programas como este não lhes prestassem um apoio inicial, fundamental para a sua consolidação.

Cecília Santos

No 14ª aniversário da Rádio Universidade de Coimbra

Bandas mostram–se em formato acústico

Coimbra vai viver dias bem agitados. As comemorações do 14º aniversário da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) prometem trazer à cidade debates, mostra de filmes e música para todos.

Entre Março e Abril de 2000, a Ruc vai celebrar o seu 14º aniversário. A estação, que emite na frequência 107.9 fm, pretende comemorar a efeméride com um conjunto de iniciativas aberto à comunidade estudantil e civil de Coimbra, estando programados debates e um ciclo de cinema, sempre com a Rádio como pano de fundo. Está também prevista a realização de um festival de música em formato acústico que trará à Lusa Atenas nomes como Clã, Cool Hipnoise e Ornatos Violeta, entre outros.

A iniciativa, que conta com o apoio integral da Queima das Fitas 2000,pretende apresentar uma Rádio Universidade dinâmica e aberta a todas as mentalidades...

A CABRA apresenta em primeira mão o cartaz das comemorações...

- dia 1 de Março: no dia da Universidade, a RUC associa–se às comemorações e promove o encontro da RUC com a academia. Segundo Hugo Ferreira, vice–presidente da administração da Rádio Universidade e organizador do evento "toda a gente pode ir à Rádio" nesse dia. Dia esse que irá promover igualmente fóruns acerca do 710º aniversário da UC, com presença em estúdio de personagens destacadas da academia, tais como o Reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Rebelo ou o Administrador do SASUC, Luzio Vaz, entre outros. É, portanto, uma (rara) oportunidade para descobrir o que se passa para além das portas envidraçadas do 2º piso do edifício sobranceiro à Padre António Vieira. Estão também previstas transmissões em directo das comemorações formais do aniversário, mais concretamente do discursodo Reitor, no Auditório da Reitoria.

À noite a festa prossegue com a transmissão em directo do Buraco Negro das actuações dos DJ's RUC. Apartir das 0H00 no 107.9 fm.

- Dia 15 de Março às 18H00 no Teatro Académico de Gil Vicente terá lugar o Debate "Indústria V Imprensa Musical". Este forúm trará à conversa membros da imprensa musical especializada,nomeadamente Joana Godinho (EMI), João Rolo (Zona Música), Nuno Galopim (DN/Antena3) e Pedro Dias da Silva(Blitz/RUC). O debate será moderado por Carlos Dias em representação da Música Alternativa/RUC;

- No dia 25 de Março também às 18H00 em directo do TAGV é a vez do Debate "Fazer rádio em Portugal" com a presença de António Sérgio (responsável pelo programa "A hora do Lobo" na Rádio Comercial), Álvaro Costa (Rádio Milénio na Antena3) e Francisco Amaral (a voz de Íntima fracção na TSF) e Pedro Arinto (RUC).O debate será moderado por Hugo Ferreira. Curiosa a particularidade de António Sérgio e Álvaro Costa nunca terem estado juntos num programa com estas características. A escutar com atenção, como nos pediu Hugo Ferreira.

Mostra de filmes sob a égide do tema Rádio: uma selecção das melhores obras cinematográficas relacionadas com rádio. Oportunidade para rever filmes como "As vozes da Ira", "Os dias da Rádio" ou o aclamado"Bom dia Vietname".

-25 de Março: é o dia de aniversário da RUC, que traz ao Teatro Académico de Gil Vicente uma banda estrangeira que a organização prefere não revelar. No entanto, conforme nos foi adiantado, será um nome que trará a Coimbra "muita gente"

-14 de Abril- encerramento oficial das comemorações com concerto no TAGV igualmente com banda estrangeira que a organização prometeu divulgar oportunamente.

Um painel de iniciativas interessantes que fará de Coimbra, ainda que momentaneamente, a capital da rádio... à portuguesa.

Para o fim deixamos destaque para a iniciativa mais mediática que irá ser levada a cabo pela estação radiofónica.

Com a mesma qualidade a que nos tem habituado - referimo–nos à participação da rádio na organização do palco secundário das últimas edições da Queima das Fitas - a estação convidou nomes sonantes do panorama musical português a apresentarem os seus trabalhos em Coimbra, no formato acústico. Nasce assim o "Coimbra 107.9% acústica", festival para a apreciar no Le Son - o café concerto/bar que se associou à RUC. Desta forma, e apenas por 1000 escudos, será possível ver e ouvir Clã, Ornatos Violeta, Belle Chase Hotel, Três Tristes Tigres e Cool Hipnoise reunidos num cartaz de luxo e original. Algumas particularidades em relação às bandas: dia 9 de Março sobem ao palco os Ornatos Violeta - penosamente - a única banda que não irá actuar em acústico; dia 16 de Março os Três Tristes Tigres voltam a Coimbra nove meses depois para apresentar "músicas que nunca tocaram em Coimbra, fruto de colaborações em concertos especiais, nomeadamente "Müller no Hotel Heisserhoff" em que colaboraram com Adolfo Lúxuria Canibal"; os Belle Chase Hotel vão ao Le Son dia 23 de Março apresentar novos temas; a noite de 30 de Março é dos Cool Hipnoise que certamente irão presentear a audiência com um espectáculo bem diferente do que é habitual numa banda de hip hop jazzística:as máquinas ficam em casa e vêm as guitarras e a voz de Marga; a encerrar, dia 6 de Abril, os Clã que prometem visitar temas antigos e apresentar novo material.

No Le Son - o café concerto, por trás da FIAT, na Pedrulha a festa é certa, tanto mais que após os concertos a música continua com os DJ's RUC a entreter quem lá se deslocar. Para minimizar as distâncias, os SMTUC, em colaboração com a RUC, disponibilizam autocarros regulares grátis a partir da Praça da República, pelo que não há desculpas para não apagar as velas com a RUC.

Bruno Vale

14 anos de Rádio

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) é uma das várias secções da Associação Académica de Coimbra. As suas raízes, como Centro Experimental de Rádio, remontam à década de 40, altura a partir da qual se tem vindo a desenvolver uma actividade contínua na formação de jovens técnicos e jornalistas que têm vindo a integrar orgãos de comunicação social a nível nacional. Muitos acompanharam detalhadamente os problemas e ambições desta região e, em particular, desta cidade e dos seus estudantes, sem nunca esquecer a problemática sócio–cultural e política das diversas conjunturas que o país atravessou.

Inicialmente, e de uma forma quase rudimentar, procurava–se assegurar emissões regulares, em circuito interno para as cantinas, surgindo entre as várias gerações de estudantes que por ali passaram a ideia da criação de uma rádio estudantil que vinha, aliás, de uma experiência mais antiga que havia dado os seus frutos e a que chamaram Rádio Universidade de Coimbra. Durante bastantes anos, a RUC teve tempo de antena na RDP, Emissora Nacional, pelo que desenvolvia a sua actividade de modo a que os seus programas fossem preparados, realizados e gravados, nos seus próprios estudos em fita magnética, para posterior divulgação pelo centro regional da RDP, em Coimbra.

Há catorze anos atrás, a ideia começou a tomar forma e avançou–se definitivamente na concretização daquilo que era almejado. Tendo–se começado por assegurar os meios técnicos necessários às emissões, e já que os meios humanos estavam assegurados, a preocupação seguinte foi para a sua indispensável legalização. Foi no dia 1 de Março de 1986 que, aproveitando a data simbólica da comemoração do Dia da Universidade, se decidiu ser o momento de transformar o sonho em realidade e criar definitivamente a Rádio Universidade de Coimbra,o que veio a acontecer por atribuição de alvará em Setembro de 1988.

SA

O projecto SubUrbe lança desafio

"Zapatistas AM/PM" em Coimbra

O grupo de teatro universitário mais antigo de Portugal, O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), traz até Coimbra uma nova peça de teatro. A peça chama–se "Zapatistas AM/PM" e será apresentado no Teatro de Bolso por uma nova criação colectiva denominada SubUrbe.

O título é deveras curioso. Para já, o espectáculo baseia–se nas vivências do carismático movimento zapatista. O levantamento popular, cujo grito do Ipiranga é "tudo para todos e nada para nós", utiliza como principais formas de luta os media e a Internet.

Herdando a coragem e a rebeldia do general Emiliano Zapata, os zapatistas lutam sem tréguas contra um governo que constantemente viola os direitos da população indígena, com raizes profundas na cultura ancestral maia.

A insurreição zapatista deu–se a 1 de Janeiro de 1994 e, desde então, têm mantido uma oposição aguerrida ao governo mexicano. Uma força de vontade que está bem patente nesta resposta de Major Moisés, um dos principais timoneiros (sem qualquer tom maoista) do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), à pergunta de Yvon Lebot e Maurice Najman, numa entrevista:

P: "Sim, mas o dinheiro? O governo (de México) tem recursos, e vocês?"

R: "O que nós temos é a cooperação. Por exemplo, neste momento, temos um grupo de formação de educadores. Temos uma oficina de curtumes, porque os animais morrem e é preciso saber como aproveitar–lhes a pele. Uma oficina de curtumes com um grupo de alunos, e quando eles tiverem aprendido o ofício levem–no para outra região. É assim que progredimos."

SubUrbe zapatista

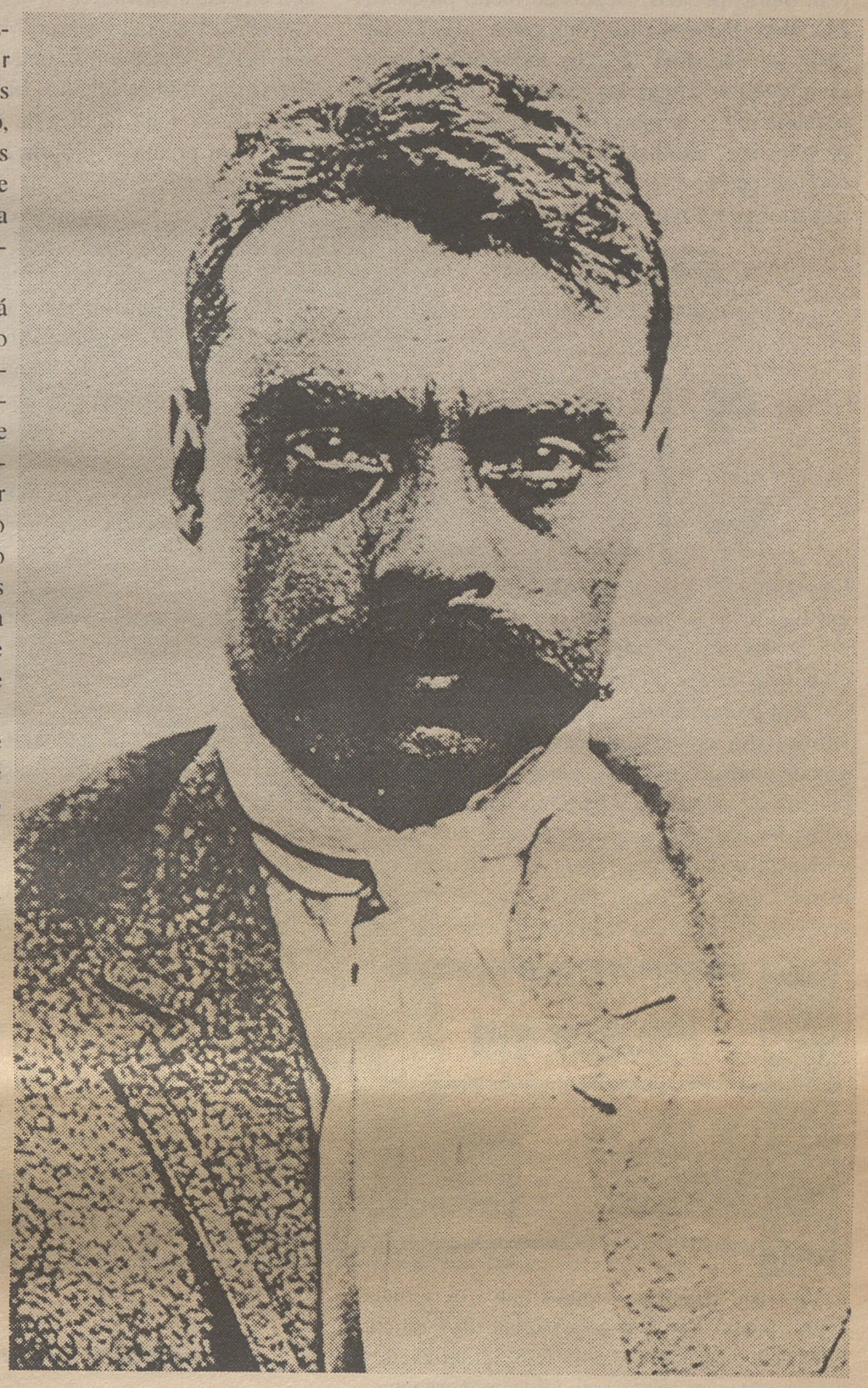
O desafio que este grupo de criação teatral e de intervenção cultural lança ao público é o de fazer esta viagem de descoberta pelas ruelas obscuras da causa deste movimento, justamente porque o espectáculo oferece dois olhares sobre o fenómeno zapatista.

A realidade contrastadora "AM/PM" do título reporta–se a "ante" México e "post" México. A obra inicial baseava–se no texto de Samuel Beckett "À Espera de Godot", curiosamente porque a SubUrbe estabelece uma analogia entre este texto e a espera dos guerrilheiros. Diz–se também que o Subcomandante Marcos do EZLN terá representado esta mesma peça, enquanto estudante num grupo teatral. Assim, a SubUrbe levou à cena a versão "AM" nos meses de Março e Abril de 1999.

Contudo, e após a exibição num encontro internacional de teatro na Cidade de México bem como o contacto directo com o exército zapatista, o grupo teatral introduziu excertos dos comunicados do Subcomandante Marcos no texto original. Este contacto na primeira pessoa transformou o seu ponto de vista sobre o modo de apresentar a peça e assim nasceu o "PM".

A interpretação da peça está cargo dos actores Dinarte Branco, Tiago Rodrigues e da actriz Cláudia Gaiolas. Peter Terryn é o responsável pela pesquisa e colagem de textos. O espectáculo irá ser apresentado nos dias 25 e 26 de Fevereiro, 3 e 4 de Março às 21h45, no Teatro de Bolso (1º Andar da Associação Académica de Coimbra).

Para quem está mais curioso sobre o projecto, o TEUC organizou uma Conversa no dia 1 de Março, Dia da Universidade, a ter lugar no café–teatro do Teatro Académico Gil Vicente pelas 18h00. Esta conversa terá as presenças de Dinarte Branco e Tiago Rodrigues (actores da SubUrbe) e dos professores José Manuel Pureza (do núcleo de Relações Internacionais da Faculdade de Economia) e Elísio Estanque (docente de Sociologia).



Olhar SubUrbano

A SubUrbe nasce na Amadora e defende a coexistência de etnias, dialectos, culturas e origens, de modo a proporcionar um diálogo saudável na nossa sociedade. A partir do confronto entre diversas aspirações artísticas, nasce este projecto que pretende servir de elo entre comunidades e fornecer um ponto de vista alternativo sobre a criação cultural.

Este projecto tem um cunho marcadamente suburbano que foca as vivências das populações que vivem nestas zonas, para onde convergem identidades culturais diversas.

Trata–se, no entanto, do acolhimento de um projecto dinâmico que recusa a passividade inerente a um produto artístico sem convicções. Daí que a colectividade exista como estrutura de produção de espectáculos, definindo objectivos ambiciosos de livre criação teatral.

Helder Silva Dantas

Actores de Coimbra em série sobre Garrett

Coimbra telegénica

Uma mini–série de ficção sobre a vida de Almeida Garrett percorreu o país em filmagens. Uma passagem por Coimbra envolveu dois actores do teatro universitário que nos contam a sua experiência.

Rui Guerreiro do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e David Bastos Círculo de Inicição Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), dois actores do teatro universitário de Coimbra, desempenham os papeis dos irmãos Costa Cabral, numa nova mini–série da RTP. Integrado na Semana da Mostra Cultural, o realizador, argumentista e principal actor da série estarão no Auditório da Reitoria (ver programa da Mostra Cultural) para a apresentação de algumas cenas rodadas em Coimbra no mês de Dezembro.

Os dois irmãos, José e António Bernardo da Costa Cabral, respectivamente, foram amigos íntimos de Garrett aquando da sua passagem em Coimbra como estudante. A entrada em cena destes dois estudantes dá–se no segundo episódio da série, quando Almeida Garrett (interpretado por Carlos de Oliveira) faz uma retrospectiva da sua vida.

Quanto à experiência de entrar na série, David Bastos aponta algumas diferenças entre ser actor no teatro e desempenhar papeis na televisão. Antes de mais, no teatro, regra geral, ha "mais consciência de grupo" devido ao número reduzido de intervenientes numa peça. Na televisão, há toda uma equipa (de som, luz, maquilhagem, câmaras, etc.) em constante movimento, o que exige "mais concentração do actor", disse o actor. Rui Guerreiro refere, por isso, a "maior pressão" da televisão em relação ao teatro. Ambos concordaram que esta foi uma boa experiência, no entanto, Rui Guerreiro acha que as pessoas ligadas ao meio televisivo levavam uma "vida cansativa", pois trabalham "a cem à hora, um ritmo doido".

São quatro episódios, de 52 minutos cada, sobre a vida e obra de Almeida Garrett e a realização esteve a cargo de Francisco Manso. A longa–metragem mais recente deste realizador é o filme "O Testamento do Sr. Napumoceno", que passou na VI edição dos Caminhos do Cinema Português de Coimbra.

A ideia de filmar a obra nasceu de uma conversa entre o realizador e o escritor António Torrado, que escreveu o argumento para a série. No total, são 87 actores - entre eles, Eunice Muñoz - que dão cor à recriação da vida deste escritor, adiantado no seu tempo. As filmagens passaram por diversos locais, destacando–se o Palácio de São Marcos em Coimbra, Gois, Tentúgal e Montemor–o–Velho. Com o apoio do Ministério da Cultura, o projecto teve o orçamento de 140 mil contos e iniciou–se a rodagem a 17 de Outubro do ano passado e irá para o ar brevemente na RTP.

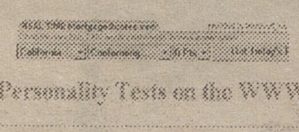
HSD

artes

LIGUE-SE

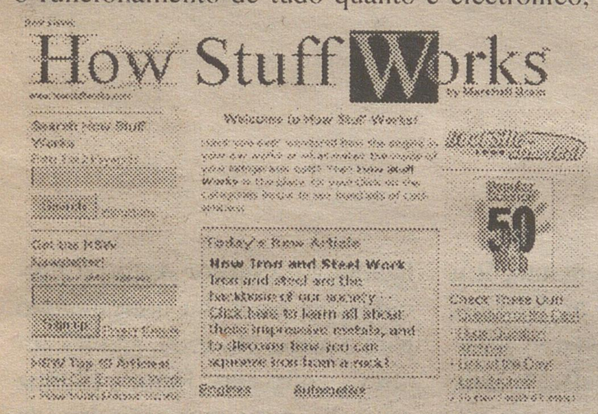
CyberCabra

Desta vez comecei por procurar páginas que tivessem testes à inteligência, à personalidade, à ansiedade, estabilidade emocional, capacidade de comunicação e relacionamento com outras pessoas. Depois de muito procurar, encontrei diversos sites com testes, mas foi no "2H" que encontrei dezenas, todos ordenados e divididos por categorias. Esta página pode ser bastante útil para sabermos mais acerca de nós próprios e os testes podem até ser uma boa maneira de passar o tempo. O único "senão" desta página é que é necessário um bom domínio da



língua inglesa, pois a totalidade dos testes está em inglês. Mas quem não faz destes testes (e ainda bem) são os adeptos e os dirigentes dos clubes de futebol portugueses, que ultimamente nos têm proporcionado momentos de grande diversão com as suas "peixeiradas" e "cenas de grande emoção" onde até adeptos desses clubes choram na televisão! E para nos manter ao corrente das últimas falcatruas, miséria humana, e violência nos estádios temos, para além de outros, o jornal "A Bola", que até traz informação desportiva e conta já com um excepcional site

na Internet. E já que estamos numa de jornais decidi passar também pela página do Público. Este site é excelente, pois tem actualizações diárias, diversas secções divididas por assuntos, um arquivo do jornal dos últimos sete dias, os habituais "cartoons", links, fotos, um guia de lazer e inquéritos online, entre muitas outras coisas. É sem dúvida um dos melhores sites de informação portugueses. Para terminar, deixo também o site "How Stuff Works" que explica o funcionamento de tudo quanto é electrónico,



mecânico, biológico ou geológico em linguagem perfeitamente acessível a leigos, por isso, se alguma vez teve curiosidade em saber como trabalha o seu telemóvel, o seu carro ou o seu corpo, dê um salto a esta página.

Rui Alves

Testes
http://www.2h.com/
A Bola
http://www.abola.pt/
Público
http://www.publico.pt/
How Stuff Works
http://www.howstuffworks.com/

OUVE-SE

Morphine - "The Night" - Rycodisc, 2000

Prelúdio da noite

Em Julho do ano passado, dois dias depois de uma actuação em Portugal, um ataque cardíaco durante um concerto terminou com a vida de Mark Sandman e pôs fim a um dos mais inovadores e singulares projectos que a década de noventa viu nascer. Mas Sandman não partiu sem nos deixar, quase em segredo, o registo de um dos seus mais importantes legados para a música. Já concluído aquando da noite fatídica de Julho, "The Night" foi gravado com produção própria no estúdio da banda (o que aconteceu pela primeira vez), sendo que Mark Sandman escreveu e compôs ao longo de dois anos um belo conjunto de onze temas muito pessoais e tocantes.

A voz arrastada de Sandman deambula ao longo de todo o álbum, funcionando como elemento preponderante de um ambiente musical particularmente denso e soturno, magistralmente acompanhada pelo saxofone de Dana Colley - facto bem patente em "Souvenir",onde este surge inicialmente distante, enquanto que a bateria assume o principal papel, evoluindo para um excelente solo; ou ainda em "Top Floor, Bottom Buzzer", onde o saxofone abandona uma certa melancolia e se entrega a sons mais cadenciados.

"Rope On Fire" é uma das melhores faixas de todo o álbum, destacando–se por uma sonoridade que se afasta da homogeneidade rítmica e instrumental das restantes músicas, sendo marcada por um orientalismo cuja construção assenta na entoação vocal de Sandman e no recurso a instrumentos para além dos habituais saxofone, bateria e baixo de duas cordas, caso do violoncelo, da guitarra acústica e da viola–de–arco.

Por último, o tema de abertura, que dá nome ao álbum,salienta–se não só pelo tom noctívago da composição musical como também pelo intimismo lírico do tema ("You're a bedtime story/The one that keeps the curtains closed/And I hope you're waiting for me/Cause I can't make it on my own").

Assim, o último álbum dos Morphine marca um claro passo no sentido de reinventar uma sonoridade onde o Rock e o Jazz se entrecruzam, espelho da preocupação dos Morphine em não ficar presos a um único modelo que, apesar de bem sucedido,poderia acabar por se tornar redutor para a própria banda.

Filipe Damil Vicente
Tiago Marques

Arto Lindsay - Prize (1999, Rykodisc)

A Bossa Nova reinventada

Arto Lindsay é uma das figuras mais emblemáticas da música contemporânea. Não sabe ler ou escrever uma única nota de música e já produziu discos de Caetano Veloso, Marisa Monte ou David Byrne. Trabalhou com nomes como Ryuichi Sakamoto, Brian Eno, Laurie Andresson ou Jonh Zorn. Viciado na guitarra noise e apaixonado pela bossa nova, este norte–americano é hoje em dia um dos maiores expoentes no meio dos que reciclam o legado do importante movimento brasileiro "tropicália".

A bossa nova moderniza–se a cada acorde de Arto Lindsay, e depois de uma triologia composta por "O Corpo Subtil/ The Subtil Body", "Mundo Civilizado" e "Noon Chill", eis que chega "Prize", um disco em que Arto olha para trás e edifica um registo para a posteridade.

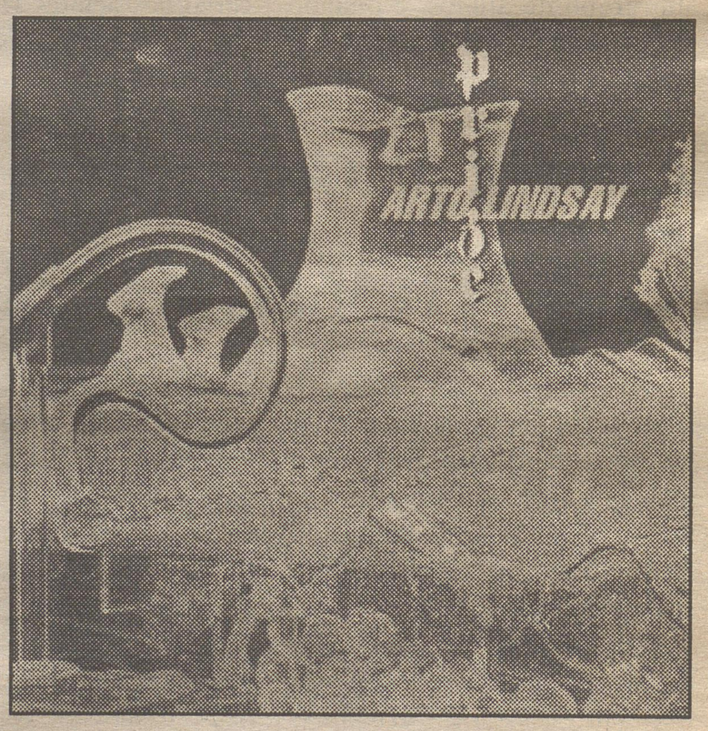
Da bossa nova revitalizada de "Pode ficar" ao monumental "O Nome Dela", Jobim é fonte inspiradora do "Modos", e "Prefeelings" consegue reunir as suas duas paixões: o noise e a música popular brasileira.

Viajando de Nova Iorque para o Brasil, a sua música também é feita de mudanças: do baixo e da bateria que fogem para os batuques em "Tone", à balada que foge para o noise em "Resamblances".

Temos ainda, em "E aí esqueço", um épico que lembra Chico Buarque nos seus tempos áureos, com o piano de fundo e a voz alongada.

Se houve discos esquecidos na maior parte das listas do ano, este foi um dos mais flagrantes. Muito bom.

Hugo Ferreira



feitas

VÊ-SE

"BELEZA AMERICANA" - de Sam Mendes

"Beleza Americana" ou como o belo pode desmoronar–se à velocidade máxima de duas horas. A primeira grande surpresa deste ano foca as aparências e frustrações de uma sociedade cheia de rosas mas com muitos espinhos. O encenador Sam Mendes estreia–se no cinema com um retrato exemplar do povo americano que, conservador por excelência, tenta a todo o custo manter uma imagem de prosperidade, ainda que esta seja ilusória. Curiosamente, a obra transgressora que "ataca" a América vai à frente na corrida às estatuetas douradas da Academia após a conquista dos Globos de Ouro.

O primeiro plano do filme mostra o bairro simétrico e aparentemente normal de Lester Burnham que é quem narra esta história (i)moral. Depois, segue–se a apresentação das personagens "felizes" a fazer lembrar as tradicionais sitcoms do país do tio Sam.

Lester (Kevin Spacey) é um quarentão que se apercebe do vácuo que é a sua vida e tenta recuperar o tempo perdido; Carolyn (Annete Bening) a sua esposa que acaba por o traír com um homem de sucesso; Jane (Thora Birch) é a filha adolescente que detesta os pais. A este núcleo familiar junta–se ainda um vizinho, Ricky Fitts (Wes Bentley), que capta "beleza" através de uma câmara de filmar e está apaixonado pela filha do casal; o seu pai é um ex–marine violento. Há ainda, para além de um casal de homossexuais, a amiga de Jane - Angela (Mena Suvari)- que é loira (burra) e desperta o interesse de Lester.

Conhecido tal leque de personagens, não demora muito a perceber–se que o título é puro sarcasmo e o que parecem ser figuras estereotipadas demonstram ser, afinal, imprevisíveis e cheias de surpresas. A partir do momento em que o protagonista decide deixar de ser vítima e inverter o rumo da sua existência banal, a desordem desaba no seio da família Burnham. De facto, a única perfeição que se mantém e marca presença

constante no filme é a das rosas vermelhas.

Um dos grandes trunfos do realizador começa por ser as magníficas prestações de todos os actores. Neste ponto particular, denotam–se algumas influências teatrais: desde uma marcação cuidada das personagens aos diálogos incisivos de linguagem bastante explícita. O argumento de Alan Ball assume também um papel importante ao revelar de forma coerente as situações chocantes e algo reais desta normal família dos subúrbios. O maior mérito do filme é exactamente a forma crua como as coisas são ditas que, por sua vez, contrasta com o colorido que as rodeia.

Sam Mendes consegue acertar em cheio na função satírica do filme e, dessa, forma, surpreender o espectador pela positiva. "Beleza Americana" é uma comédia negra imperdível onde tudo e todos são desmascarados e em que o ridículo se confunde com a compaixão.

Neste momento, resta apenas fazer uma coisa: observar melhor...

João Vaz Silva

LÊ-SE

"Poemas de Amor e Abandono"; A Mar Arte

As ofertas de amor trocadas no Dia dos Namorados têm evoluido muito ao longo dos tempos. No entanto, a arte de escrever poemas e cartas de amor permanece um clássico inultrapassável. Esta obra exemplifica alguns dos poemas de amor feitos ao longo dos tempos.

Dante Alighieri revela a necessidade de uma relação intensa para deslindar a profusão de mistérios que as damas ocultam porque "entendê–la não pode o que a não sente". Nos seus sonetos clássicos, nota–se o hábito platónico da época de colocar a amada num pedestal sidéreo quase inatingível.

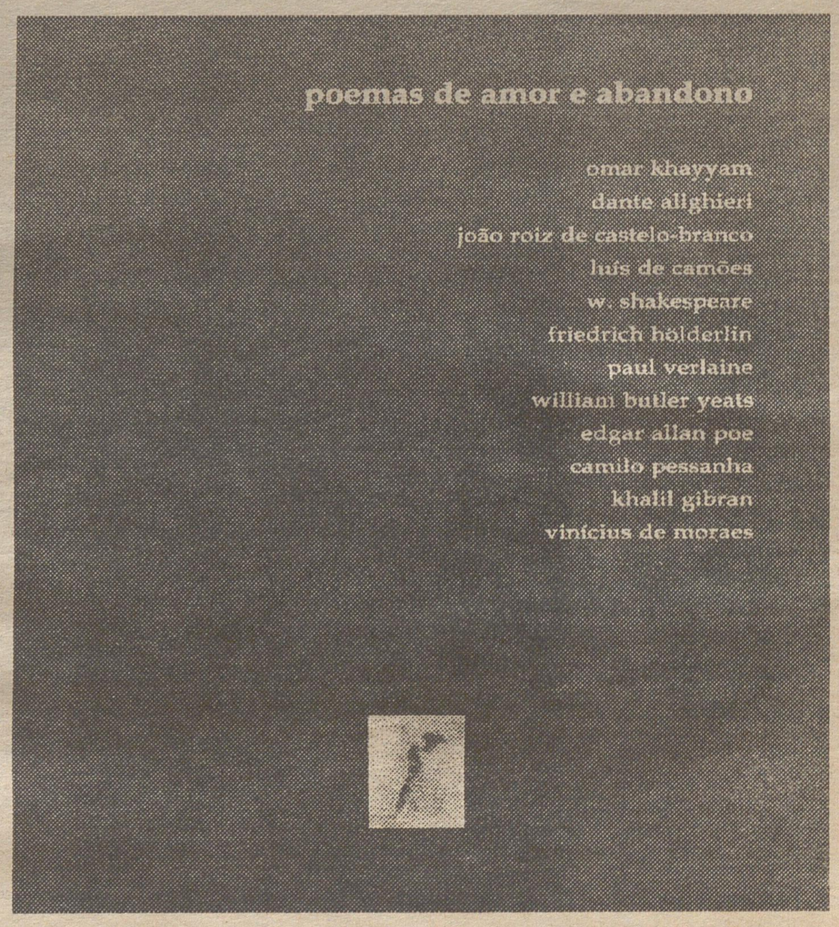
Camões surge com o seu sobejamente conhecido soneto em que o "Amor é fogo que arde sem se ver". O poeta, coitado, sofre com as suas emoções antitéticas como naquela "triste e leda madrugada". Camilo Pessanha debate–se com a indefinição angustiante do acto de amar.

Hoelderlin destaca a euforia de viver a paixão "como os cisnes selvagens", aspirando a um amor primordial e divino. Do mesmo modo, Verlaine, o génio do sonho, demonstra um amor apaixonante e consumidor, possuido pelo "furor de amar". A sua poesia reflecte bem o homem que foi e cuja relação tempestuosa com Rimbaud tanto escandalizou os seus contemporâneos.

O poeta inglês Yeats descreve um ambiente bucólico em "O Cair das Folhas" e, enquanto ser enamorado da sua amante, vive a sensação de estar a voar - uma leveza extraterrestre - como "pássaros brancos sobre a espuma do mar". Por seu turno, a poesia filosófica e profética do libanês Khalil Gibran, descobre o carácter imanente deste nobre e misterioso sentimento, porque "O amor não tem outro desejo / senão consumar–se".

Esta colectânea incorpora obras poéticas que reflectem o estado de espírito dos versejadores perante os seus objectos de afeição. As várias nacionalidades dos poetas presentes no livro confirmam a universalidade deste sentimento. E a julgar pela popularidade do Dia de São Valentim, realmente, "Love makes the World go round".

HSD



Maria João e Mário Laginha no TAGV

Será já no próximo mês Março que o duo Maria João (voz) e Mário Laginha (piano) farão o seu regresso à cidade do Mondego para mais um concerto. Desta vez, este duo que há já alguns anos matem uma invulgar cumplicidade e cuja música patenteia uma notável gama de influências dos países e lugares por onde passam, fará a sua aparição no palco do Teatro Académico de Gil Vicente. Este espectáculo, que se encontra integrado no programa Unifonia 2000, subirá ao palco no dia 14 de Março pelas 21h45.

Estudo Nocturno

A Cantina dos Grelhados (sala B), a partir das dez horas da noite e até às quatro da manhã, funcionará agora como sala de estudo, tendo sido, stambém alargado o horário de funcionamento da sala de estudo da Associação Académica de Coimbra até à mesma hora. Assim, quem preferir ou precisar de estudar pela noite dentro, poderá fazê–lo neste novo espaço que conta com aquecimento para os dias de estudo mais frios.

A inauguração desta nova sala de estudo nocturna decorreu no passado dia 15, tendo contado com as presenças do Magnífico Reitor Fernando Rebelo e do Dr.Luzio Vaz, Director dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

GO

Um bonito conjunto de casas velhas, dirão uns; a imagem típica de Coimbra dirão outros; ou ainda a prova viva de que, 710 anos depois, a Cabra continua lá bem no alto, magestosa, a observar os seus domínios. A olhar aquela cidade que, à sua volta, se veio a erguer e desenvolver quase somente em função de uma universidade que, em 1290, pela pena de D.Dinis, colocava Coimbra no desembocar dos caminhos daqueles que procuravam a sapiência no recém criado país. A Universidade de Coimbra faz, pois, no próximo dia 1 de Março, 710 anos de vida. E se, então, estávamos perante a primeira universidade do país, com toda a sua relevância cultural e política, hoje a sua história e monumentalidade já não é, por factores que não importa aqui levantar por muito pertinentes que sejam, acompanhada pelo grau de importância dentro do conjunto das universidades europeias e mesmo portuguesas. E isto numa altura em que, inclusivé, se assiste a uma cada vez maior afirmação de outros sub–sistemas de Ensino Superior que, para mal ou para bem, se preparam para difundir este grau de ensino para fora do, atá há pouco tempo, restrito domínio das universidades públicas. Em face disto, é legítimo perguntar não só, qual o lugar que a Universidade de Coimbra irá ocupar no âmbito das universidades portuguesas, mas também, e principalmente, qual o papel que, ela própria, está disposta a representar...

A Varanda de Frangipani

"Se o texto nos fascina é também porque supera as suas especificidades nacionais falando de coisas tão universais como a amizade, o amor, o poder, a capacidade do sonho e a humanidade que são capazes de ultrapassar as diferenças raciais, geracionais ou de qualquer outro tipo entre os seres humanos.(...) De tudo isto procuramos falar no espectáculo." É através deste texto que o Teatro Meridional faz uma breve apresentação da sua mais recente peça, a Varanda de Frangipani. Da autoria de Mia Couto e com encenação de Miguel Seabra e Álvaro Lavín, esta peça é uma co–produção do Teatro Meridional e do Teatro Nacional de S.João. A peça subirá ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente no dia 27 de Março pelas 21h45, estando integrada nas comemorações do Dia Mundial do Teatro.

Estudante Elegível em debate

O Movimento Ruptura e a Lista U do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras organizam hoje (24 de Fevereiro) um debate em torno da questão do estudante elegível pelas 16 horas no Teatro Paulo Quintela na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Sob o mote "Não somos números, somos pessoas", a discussão vai contar com a presença como oradores de Humberto Martins, presidente da Associação Académica de Coimbra (AAC), Hugo Capote, ex–presidente da AAC e Gil Garcia destacado membro da Frente de Esquerda Revolucionária.

www.aac.uc.pt/cabra

Também disponível em Kuala-Lumpur